

IMAGENS E HISTÓRIA

**FLI
POR
TO**

10 anos

IMAGENS E HISTÓRIA

FLI
POR
TO

10 anos

CARPE
DIEM

RECIFE, 2014

© 2014 | Antônio Campos
Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, nem apropriada ou
estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.

ISBN 978-85-67713-17-5

Editora CARPE DIEM

Editor
ANTÔNIO CAMPOS

?????????
MÁRIO HÉLIO

Diretora executiva
VERONIKA ZYDOWICZ

Designer gráfica editorial
PATRÍCIA CRUZ LIMA

Revisor (nova ortografia)
????????????????

Foto da sobrecapa
????????????

ficha catalográfica

Todos os direitos desta edição reservados à

ARC | Editora e Produções Culturais Ltda.
Rua do Chacon, 335 | Casa Forte | CEP 52061-400
Recife, Pernambuco, Brasil

<http://www.editoracarpediem.com.br>
webmail@editoracarpediem.com.br

10 ANOS DA FLIPORTO

A FLIPORTO É UM ESTADO DE SER, SENTIR E PERCEBER. Quem já esteve, ou pretendeu nela estar de alguma maneira, ainda que acompanhando pela web, compreende a dimensão de sentidos que tomou a Festa Literária Internacional de Pernambuco, nascida em 2004, no cenário paradisíaco do litoral pernambucano, em Porto de Galinhas, praia localizada no município de Ipojuca. Agora, ao completar 10 anos, a Fliporto, que cresce e amadurece instalada na histórica cidade de Olinda, inicia uma nova jornada rumo à sua pré-adolescência, galgando, de modo crescente, o autoconhecimento e a sede por novas sensações, experiências e sabores, alimentados pela literatura e o seu permanente diálogo com outras artes. Trata-se, portanto, da conclusão de um ciclo onde teve que aprender a falar, escutar e discernir, assim como do início de um novo momento com buscas incessáveis para a sua construção. Fazer Fliporto é, sobretudo, resgatar e reinventar histórias e estórias e levá-las ao público no formato de palavras e imagens, narradas e descritas por valorosos construtores da literatura mundial. Ao curador-geral do evento, o escritor e advogado Antônio Campos, e ao fundador da Fliporto, o produtor Eduardo Côrtes, foi dada a prazerosa e ao mesmo tempo árdua incumbência de reger um sonho, deles e de tantos, realizado anualmente e em alguns dias, mas planejado durante o ano inteiro.

Desde a sua concepção, a Festa contou com estímulos e obstáculos diversos, ambos essenciais para a consolidação do evento. Ainda hoje, a engrenagem da Fliporto é movida por provocações e necessidades de adaptação e reinvenção. Esta é, portanto, a missão do evento. Recriar-se a cada ano, moldando-se às mudanças do cenário cultural quando preciso. O desafio inicial, entretanto, deu-se em aliar o bom gosto e senso literários à sede latente dos amantes da literatura residentes no Estado de Pernam-

buco, alcançando, conseqüentemente, todo o país. Acreditar e perseverar eram, portanto, as palavras de comando da Festa que, antes de completar uma década, já comemorava o reconhecimento nacional e internacional da mídia e do público que a colocavam entre as maiores festas literárias do Brasil. Entre os incentivadores para a concretização do evento, destaque para várias personalidades que entenderam a essência do evento e acreditaram na pluralidade e compromisso social da Fliporto. O ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos, foi um grande estimulador da Festa. Campos, impulsionador da riqueza literária local e sempre acreditando no diálogo entre as artes e diferentes culturas, tornou a Fliporto um marco cultural do nosso país. O espetáculo das letras apresentado pelo evento também contou com o apoio de inúmeros artistas, políticos, patrocinadores, jornalistas, e tantos outros amigos e profissionais que compreenderam que um evento de tamanha dimensão requer um trabalho de construção feito com empenho de várias mãos.

Por trás de um grande evento, uma envolvida e profissional equipe continua a fazer da Fliporto um sonho planejado, e realizado, anualmente. Mais uma vez, acreditar na essência do evento torna-se uma maneira de almejar e trabalhar na sua concretização. O árduo caminho percorrido até o último dia da Fliporto torna o evento de uma grandeza ainda maior. Os obstáculos enfrentados enaltecem a competência e perseverança na luta diária dos que fazem parte desse sonho chamado Festa Literária Internacional de Pernambuco. E, assim, já se passaram 10 anos, como em um folhear de um bom livro, onde o leitor deve curtir o antes, durante e, enfim, os momentos após a leitura, preparando-se, de imediato, para o próximo volume. Que venham, então, novos olhares, sentidos, descobertas, obras literárias, leitores e escritores, e o grandioso saldo de uma, sempre, nova Fliporto.

FLIPORTO | 10 ANOS: IMAGENS E HISTÓRIA

O BRASIL É TIDO AINDA POR MUITOS COMO UM PAÍS não somente diverso, mas disperso. Onde a preservação da memória é precária e as ações, por melhores que sejam, não costumam ter solidez e continuidade. No âmbito da cultura, uma constatação desse tipo pode ser considerada ainda mais grave. Não somente porque é com repetição e constância que os povos engendram as tradições, mas porque o contemporâneo (o presente) reinventa o passado e elabora o futuro. Sem memória não há história e sem história não há a humanidade. Ações de promoção do livro, da leitura, da escritura e estimular o diálogo pelos mais diferentes meios, são imprescindíveis nas grandes democracias.

Quando as ações culturais coletivas têm início num país de história tão nova e acidentada como o Brasil, quase logo duvida-se de sua perenidade. Ou tal perenidade sequer é desejada, pois em nossa cultura predomina o imediatismo. Talvez por esse sentimento quase arraigado, predominam, nas chamadas “produções culturais”, os eventos.

Num cenário assim, que uma festa literária tenha sido realizada ininterruptamente, de 2005 a 2014, buscando inovar e crescer sempre, pode ser considerado uma façanha. A maior no âmbito cultural neste primeiro quarto de século no Nordeste do Brasil.

Nascida como Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas – Fliporto, soube reinventar-se sempre, mantendo a qualidade. Assim é que, depois de cinco anos sendo realizada no balneário mais famoso do Brasil, mudou-se para Olinda, a cidade patrimônio histórico-cultural da humanidade, e tornou-se Festa Literária Internacional de Pernambuco, conservando-se Fliporto, a marca, não só porque é mais do que mero acrônimo, ou que uma sigla, algo substantivo.

Sim, a Fliporto é uma festa substantiva. Democrática. Atenta à cultura, à história e à memória. Seu grande sucesso se deve não a um esforço indi-

vidual, mas ao trabalho coletivo, de quem a faz e de quem dela participa. Festiva e alegremente. “A alegria” – disse bem Oswald – “é a prova dos nove”. Nada melhor do que chegar aos dez anos para proclamar isso.

A Fliporto é mais do que um evento, é um movimento articulado de pessoas em prol da cultura. Plural. Congresso literário. Cinema. Fliporto Digital. Das crianças. Dos jovens. Dos ecologistas. E dos “perfeitos cozinheiros das almas deste mundo”, que estiveram presentes em cada banquete das letras celebrado nestes dez anos.

Que no lançamento da Fliporto – noticiado em 3 de dezembro de 2004 – tenha havido uma exposição intitulada *Armários de memórias* (de Marcos Medeiros) dizia já algo a respeito do seu propósito e do seu destino.

A Fliporto foi uma iniciativa do engenheiro Eduardo Côrtes. Ele rememorou num texto aqueles primeiros movimentos:

“Tudo começou em 2005, depois de assistirmos à segunda edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em sua segunda edição, e o Festival Recifense de Literatura, também em sua segunda edição, no ano de 2004. Chamamos Luis Carvalheira de Mendonça, da Editora Personna e Pedroca e Rose, da Cia do Lazer, e organizamos a Fliporto 2005 em Porto de Galinhas, Ipojuca.”

Como seria natural, a Fliporto começou como uma festa de pequeno porte, orçamento modesto e poucos autores participantes. A curadoria ficou a cargo da seção pernambucana da União Brasileira de Escritores – UBE, por intermédio do seu presidente, o poeta Vita Corrêa de Araújo. Cerca de 15 escritores pernambucanos estiveram presentes, e entre eles, Raimundo Carrero, Lucila Nogueira e Antônio Campos. Houve também a presença de um autor estrangeiro, o indiano Harbans Lal Arora, que vivia na época radicado no Ceará. Dos nacionais, sobressaiu-se o nome de José Sarney, contista, poeta e político, com dezenas de livros publicados e membro da Academia Brasileira de Letras.

Os patrocínios provieram principalmente de órgãos públicos, como a Fundarpe e a Infraero (Carlos Wilson à frente), além da Prefeitura de Ipojuca (o prefeito era Pedro Serafim Filho). Juntamente com essas autoridades, também prestigiou a Fliporto o superintendente, na época, do Aeroporto do Recife, Alberto Feitosa.

No auditório do Espaço Muru-Muru (200 lugares), realizou-se o congresso literário, e participou da festa um público estimado em duas mil

peessoas. Além das palestras, houve concursos literários, oficinas, feiras de livros, “vivências espirituais” e saraus.

Delineava-se assim um projeto que se afirmou no calendário cultural e turístico de Pernambuco, e a tal ponto que não atraiu apenas a atenção local, mas de várias cidades brasileiras e de países estrangeiros.

Porto de Galinhas, que havia sido um dos tantos lugares por onde o tráfico clandestino de escravos prosperou, notabilizou-se no século vinte principalmente como um lugar de turismo, dos mais aprazíveis e desejados do país. E por que não uma festa literária? A natureza abraçando a cultura, e vice-versa. O mar que sempre foi motivo de admiração de romancistas e poetas e desafio dos viajantes servia também como pano de fundo para longas conversas em torno dos mais variados temas, e em diferentes línguas.

O homenageado em 2005 foi Ascenso Ferreira, poeta dos maiores entre os modernistas, nascido na zona da mata em Pernambuco. Grande declamador que era, Ascenso certamente teria gostado de participar daquela festa literária onde dizer poesia em voz alta era um dos seus pontos mais altos. Nisso como que construía-se um fio contínuo de Pernambuco do século 21 ao de séculos anteriores, com memoráveis recitais, improvisos e debates, como os protagonizados por Tobias Barreto e Castro Alves.

Nas festas seguintes, em 2006 e 2007, os nomes nacionais de maior fama começaram a chegar: Luis Fernando Verissimo, Marcos Vilaça, Mauro Salles, Zuenir Ventura, Antonio Carlos Secchin, por exemplo. O Espaço Muru-Muru novamente abrigou as palestras. A abertura, porém, uma aula-espetáculo de Ariano Suassuna, aconteceu no auditório do Hotel Armação. Já com oito polos, passou a ter uma cobertura mais forte na imprensa local. O público duplicou (comparando-se ao do ano inaugural). Em 2007, as primeiras mudanças mais significativas na direção aconteceram, trabalhando unidos os proprietários da marca Fliporto com o Instituto Maximiano Campos, por intermédio do seu presidente, Antônio Campos.

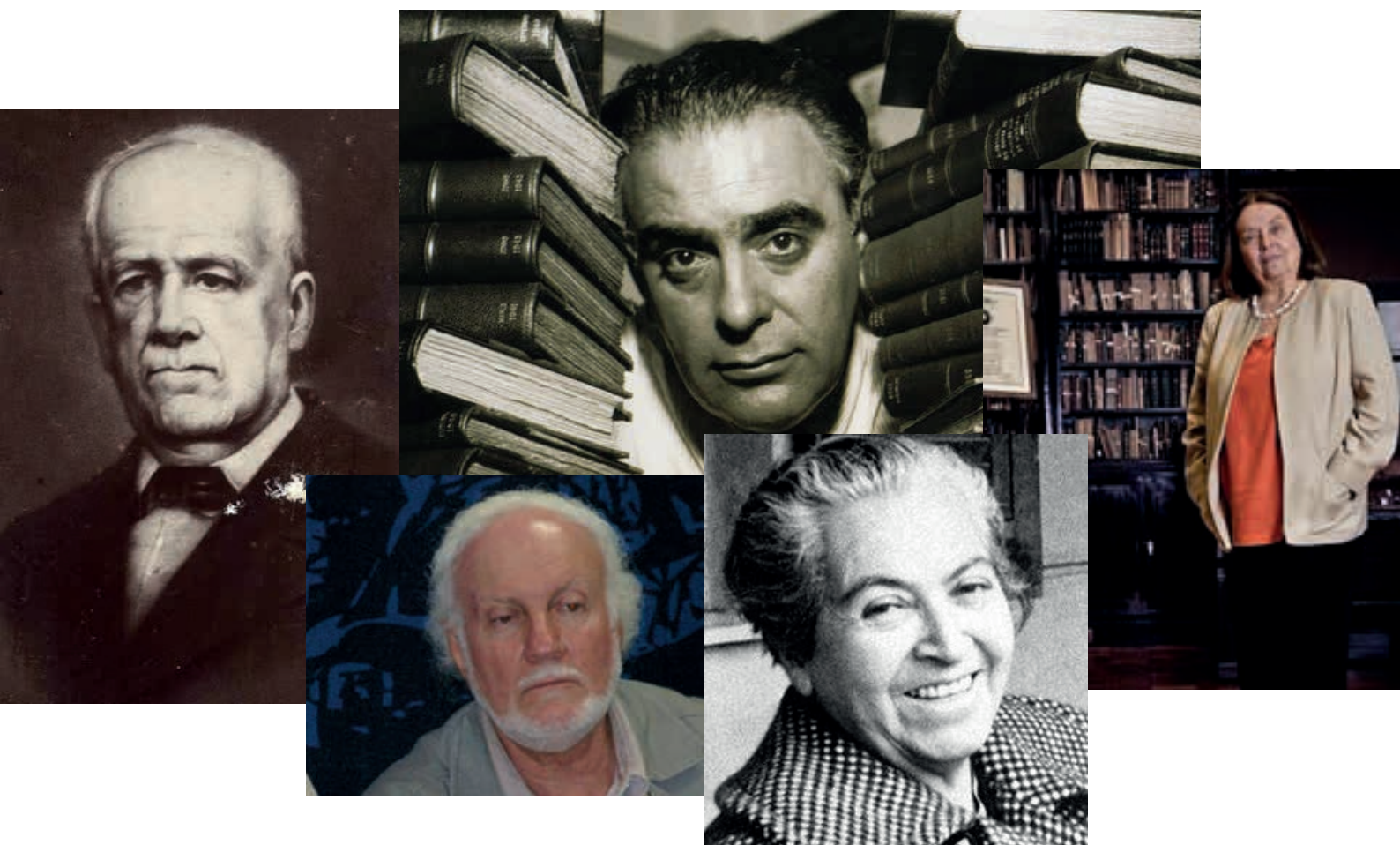
Depois de duas edições mais locais de 2005 e 2006, a Fliporto assumiu o desafio da internacionalização em 2007. Ou melhor, uma deliberada mescla de nomes locais, regionais, nacionais e internacionais. Daí a escalação, literalmente, de um time de homenageados – foram mesmo 11, como um time de futebol: 1. Frida Kahlo, 2. Hermilo Borba Filho, 3. Ariano Suassuna, 4. Gabriel García Márquez, 5. Moacyr Scliar, 6. Néida Piñon, 7. Marcus Accioly, 8. Abreu e Lima, 9. José Olympio, 10. Clarice Lispector, 11. Gabriela Mistral.



De cima para baixo, no sentido horário: Hermilo Borba Filho, Moacyr Scliar, Clarice Lispector, Ariano Suassuna e Frida Kahlo.

A razão dessas homenagens se ancorava não somente na excelência da obra de oito escritores, uma artista plástica, um editor e um político. Marcava as efemérides de maior destaque do mundo cultural em 2007: os oitenta anos de García Márquez e de Ariano Suassuna.

Numa festa (que é sempre o espaço de muita gente), uma homenagem coletiva parecia cair muito bem, mas a razão de tantas escolhas podia ser considerada mais específica – a do tema geral da Fliporto, que era o sentimento latino-americano. Um colombiano, uma mexicana, uma chilena, uma brasileira de origem ucraniana e sete brasileiros. O que tinham em comum? Mais do que a excelência de sua trajetória artística, política, cultural ou literária. A vocação ou a consciência latino-americanista, algo como uma ampla Nuestra América, na bela síntese de José Martí:



A partir da esquerda, Abreu e Lima, Marcus Accioly, Gabriela Mistral, Nélida Piñon e, no centro (entre livros), o editor José Olympio.

“América, saneada en lo real de sus guerras y lo vano de sus imitaciones, conoce por fin sus elementos vivos, más nuevos por la mezcla forzosa de la condición diversa de sus moradores que por peculiaridades inamovibles de hábito o de razas; y con acuerdo profético brota de todas partes a la vez, en prosa y en poesía, en el teatro y el periódico, en la tribuna y el libro, una literatura altivamente americana, de observación fiel y directa, cuya beldad y nervio vienen de la honradez con que la expresión sobria contiene la idea nativa y lúcida”.

No caso de Hermilo – aquele que não silenciou sobre o seu tempo, no dizer de Osman Lins – trata-se de uma obra marcada tanto pelo universalismo de sua ficção quanto por certas particularidades brasileiras e

regionais. Ele que escreveu histórias de grande energia narrativa, em que despontam livros como *Agá*, e também ensaios sobre os espetáculos populares, além de praticar um teatro de vanguarda, ligado tanto aos grandes autores e encenadores quanto às raízes mais ricas de sua região.

A Fliporto de 2007 (como também na sua origem e no desenrolar) ligava-se de modo consciente a uma ideia do cultural que não se desvincula do local, e que não vê este como alheio ao nacional ou divorciado do internacional. Daí a recorrência a Gilberto Freyre, a Ariano Suassuna, porventura as melhores referências desse tipo de pensamento e sentimento no Brasil.

Os vínculos da Fliporto são com o contemporâneo. Mas isto não quer dizer que subscreva as ideias de aldeia global e da civilização do espetáculo, criticadas com tanta justiça pelos melhores pensadores da atualidade. As bases de uma festa literária do tipo que pretende valorizar o local se vinculam a pontos muito mais remotos e que pulsam vivos nas sensibilidades dos que foram fazendo uma literatura que é tão cosmopolita quanto orgulhosamente situada, no espaço e no tempo. Portanto, não importa muito o pretexto para uma homenagem, as razões mais profundas para essas escolhas valem muito mais.

Ao hedonismo de uma praia associava-se um outro, mais sutil, o da leitura, da escrita, da fala.

O que vinha singularizando a Fliporto já em 2007 era o seu ecletismo. A festa contava com feira de livros, oficinas, programação infantil e concursos, onde destacava-se o de poesia em vídeo.

Os primeiros estrangeiros que aportaram na festa tinham em comum a forte mestiçagem e a diversidade cultural. Escritores colombianos, peruanos, mexicanos e venezuelanos deram um sabor marcadamente latino àquela Fliporto. A familiaridade, a informalidade e um sentido de acolhimento, que estão entre as características pernambucanas, encontram-se também em países que têm heranças históricas e culturais mais ou menos comuns. Desfazer fronteiras geográficas e linguísticas, se é quase sempre uma utopia no âmbito político, ao menos pode ser considerado exequível no “poético”.

Ao realizar uma festa literária de grande porte numa região que, ao longo das décadas, vem sendo tratada, no mínimo, como apenas um problema econômico, Se conseguiu mostrar que as noções de centro e periferia são precárias, sobretudo quando se trata da cultura, pois o Nordeste nunca deixou de ser o melhor centro produtor da literatura brasileira, até para “exportação”. Ao



longo de várias décadas, no século 20, muitos dos livros publicados por José Olympio (um dos homenageados da Fliporto) provaram muito bem isso.

Desde o início, a Fliporto é um importante meio de estímulo à leitura e à escrita. Com uma atenção muito especial à participação das escolas e universidades. Daí a realização do concurso literário promovido em 2007, por intermédio do Instituto Maximiano Campos, que distribuiu, além de computadores, câmeras, tocadores de música e livros, prêmios em dinheiro, buscando destacar o talento de novos escritores. O instituto, aliás, já havia promovido antes duas edições do concurso. Houve duas categorias: “Alicerce”, voltada para estudantes da 5ª à 8ª série, e tendo como tema “o poder transformador do livro”. A segunda categoria buscou revelar contistas jovens ou adultos com ensino médio completo.

Outro concurso que, desde 2007, desperta grande interesse do público e dos autores, e representa uma das poucas iniciativas do gênero na atualidade, é o de Poesia ao Vídeo. Destinava-se, na sua primeira edição, a novos autores. Quarenta e quatro se inscreveram. Foram distribuídos seis mil reais em prêmios, divididos entre os três primeiros colocados.

Em 2007, o “braço” da Fliporto voltado para o segmento infantil se chamava Fliportinho, e estava já na segunda edição. Uma atividade de formação em parceria com a prefeitura de Ipojuca e a rede municipal de ensino. Por intermédio de oficinas, salas de leitura e apresentações teatrais.

Realizando-se em um balneário, era natural que houvesse por parte da Fliporto uma atenção especial à ecologia. Assim passou a acontecer a partir de 2007. Pode-se dizer que junto com a iniciativa de destacar o meio ambiente em sua programação, outra singularidade da festa, comparando-se a outras do mesmo gênero no Brasil, foi a criação de um circuito gastronômico, alinhado à temática geral. Desse modo, sendo a literatura latino-americana o eixo das discussões e palestras, pratos típicos do Peru, Argentina, Venezuela, Chile e México foram oferecidos por alguns restaurantes que passaram a integrar a programação oficial da festa em Porto de Galinhas.

Um retrato do que marcou a Fliporto em 2007 não estaria completo sem uma menção à Casa Latino-América. Obviamente, o nome fazia referência ao tema geral da festa: “A literatura da América Latina e do Caribe”. A Casa não era mais um palco onde intelectuais debatiam ideias, mas o espaço dos tipos mais variados, com relevo para as celebridades do mundo artístico, teatral, cinematográfico, televisivo, musical. O lugar do agito, o

“point” de encontro de celebridades. Um ambiente para longas *prosas*, conversas entre o mar e o bar, provando que a blague atribuída a Jaguar e Paulo Francis – de que intelectual não vai à praia, intelectual frequenta bares, podia ser desmentida com o louvor de uma síntese. Se a Fliporto definia-se como uma Festa Literária, a Casa Latino-América podia ser definida como a festa dentro da festa, uma mais que viva balada literária.

A Fliporto 2007 não foi superlativa apenas em número de homenageados – 11 – nem de escritores presentes – mais de cem. Conseguiu atrair cerca de 15 mil pessoas, superando a participação das 10 mil da edição anterior.

Entre os participantes mais famosos da Fliporto de 2007, estiveram: Nelson Motta, Nérida Piñon, Sábado Magaldi, Marcus Accioly, Raimundo Carrero, José Eduardo Agualusa, Thiago de Mello. Houve também nomes de destaque do teatro, cinema e TV, como a atriz Maitê Proença. A todos esses se juntou uma presença talvez inusitada: uma ex-garota de programa que lançou um livro-depoimento a respeito de sua vida como prostituta que se tornou *best-seller*: Bruna Surfistinha (codinome de Raquel Pacheco) parecia dialogar sem querer, e sem lirismo ou romantismo algum, com um antigo poema (1942) de Manuel Bandeira, citado por Thiago de Mello, que falou da gênese secreta da “Última Canção do Beco”:

A Casa Latino-América: o espaço da música, dos recitais e da descontração, em Porto de Galinhas.



“Beco que cantei num dístico
cheio de elipses mentais,
beco das minhas tristezas,
das minhas perplexidades
(mas também dos meus amores,
dos meus beijos, dos meus sonhos),
adeus para nunca mais!

Vão demolir esta casa.
Mas meu quarto vai ficar
não como forma imperfeita
neste mundo de aparências:
vai ficar na eternidade,
com seus livros, seus quadros,
intacto, suspenso no ar!

Beco de sarças de fogo,
de paixões sem amanhas,
quanta luz mediterrânea
no esplendor da adolescência
não recolheu nestas pedras
o orvalho das madrugadas,
a pureza das manhas!

Beco das minhas tristezas.
Não me envergonhei de ti!
Foste rua de mulheres?
Todas são filhas de Deus!
Dantes foram carmelitas...
e eras só de pobre quando,
pobre, vim morar aqui.

Lapa – Lapa do Desterro –,
Lapa que tanto pecais!
(Mas quando bate seis horas,
na primeira voz dos sinos,
como na voz que anunciava
a conceição de Maria,
que graças angelicais!)

Nossa Senhora do Carmo,
de lá de cima do altar,
pede esmola para os pobres,
– para mulheres tão tristes,
para mulheres tão negras,
que vêm na porta do templo
de noite se agasalhar.

Beco que nasceste a sombra
de paredes conventuais,
és como a vida, que é santa
pesar de todas as quedas
por isso te amei constante
e canto para dizer-te
adeus para nunca mais!”

Contou assim Thiago sobre o seu amigo Manuel, que tinha um quarto alugado nesse sobrado, num beco da Lapa, no Rio de Janeiro, frequentado pelas chamadas “mulheres da vida fácil”, e soube que o sobrado seria demolido:

“Depois de ler a notícia, ele tomou um bonde para o Largo do Machado, tirou lápis e papel e foi escrevendo, numa verdadeira impulsão. Só quando acabou, Manuel se deu conta de que escrevera um poema em redondilha, que continha em cada estrofe sete versos e em cada verso sete sílabas”.

Manuel Bandeira também esteve presente nas referências que Marcus Accioly fez aos grandes renovadores da linguagem no panorama amplo que traçou da literatura na América Latina. Outros nomes citados foram: Carlos Drummond de Andrade, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Augusto dos Anjos, e poetas populares como Zé Limeira e Zé da Luz.

Se a inovação é o mote, um poeta como César Leal sempre seria um dos mais frequentemente a glosá-la. “O Recife como centro cultural da América Latina” foi o tema da sua palestra. Reportando-se a Gilberto Freyre, ele destacou a influência holandesa como uma das possíveis origens da vocação recifense para a vanguarda:

“Até outros locais que tiveram a presença holandesa de forma importante na sua história não a tiveram nas condições que o Re-

cife teve. Foi diferente das Guianas e da Indonésia, por exemplo, porque não mandaram para uma nem para a outra um príncipe, um conde, que se fez acompanhar de toda uma corte de sábios formados de acordo com a cultura do Renascimento europeu”.

Num salto histórico de vários séculos, o poeta une os pontos da mais remota força cultural do Recife, ainda no tempo da colonização, às inovadoras e revolucionárias iniciativas educacionais na década de 1960, tendo à frente Paulo Freire e Germano Coelho, o famoso Movimento de Cultura Popular:

“Com esses dois instrumentos, as classes até então manipuladas adquirem um elevado grau de conscientização de seu poder contra a miséria. E a tradição política de Pernambuco, que vinha do sistema feudal, viu nela uma grande ameaça. Era o comunismo transformando o Recife na mais poderosa base subversiva do país”.

Com um grande tema – “Trilhas da Diáspora: Literatura em África e América Latina” – a Fliporto de 2008 foi uma das maiores reuniões de escritores africanos ou de especialistas de diversas nacionalidades nessa temática já acontecidas no Nordeste do Brasil. O tópico “América Latina”, que já tivera seu protagonismo anterior, temperou muito bem esse encontro.

Apenas como pequena amostra das quase duas centenas de autores participantes, citam-se: Affonso Romano de Sant’Anna, Ângelo Monteiro, Paulina Chiziane, Domicio Proença Filho, Claudio Willer, Bráulio Tavares, Arthur Nestrovski, César Leal, Cyl Galindo, João Gabriel de Lima, João Paulo Cuenca, Mosé Miguel Wisnik, José Nêumanne Pinto, Luiz Carlos Patraquim, Raimundo Carrero, José Eduardo Agualusa, Thiago de Mello, Ondjaki, Pepetela, Quincy Troupe, Rei Berroa, Lourival Holanda, Maria de Lourdes Hortas, Vicente Franz Cecim, Sérgio Castro Pinto e muitos outros.

Como é fácil deduzir-se, tanto pelo modo como estava articulado o tema no título quanto pelo elenco de autores reunidos, era sobretudo a África da lusofonia, naturalmente, a que recebia atenção especial nessa festa literária que, aliás, não se dedicou apenas a refletir essas áfricas e américas latinas, diversos eventos e abordagens enriqueceram a edição de 2008, quando a Fliporto alcançou a ambição de efetivar o “internacional” do seu nome.

Realizada de 6 a 9 de setembro de 2008, a Fliporto contou com escritores e pensadores de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Quênia, Cuba, Colômbia, Nicarágua, Porto Rico,



O poeta Thiago de Mello, um dos grandes nomes da cultura na América Latina, revelou na Fliporto a gênese de poemas de Manuel Bandeira, como "A última canção do beco".





O escritor angolano José Eduardo Agualusa (destaque da Fliporto 2008) escreveu assim em *Nação Crioula* (1997): "Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África."

República Dominicana, Bolívia, Chile, Peru, México, Argentina, Uruguai, Venezuela, Estados Unidos. Como está dito na apresentação do Legado Fliporto 2008 – memória da programação literária:

“Atravessar o Atlântico, mas no sentido inverso ao dos navios negreiros que trouxeram ao nosso continente mais de 9 milhões de escravos, a partir dos primeiros anos do século XVI. Aos 120 anos da Abolição, Celebrar o significado da África no Brasil e na América Latina, nós, afro-brasileiros, afro-latinos, no confronto aos códigos de discriminação e opressão. Não é geográfico esse ponto de retorno, uma vez que reside inquebrantável dentro de nossa memória étnica. Trata-se de um reencontro com o nosso chão psicológico, nossa paisagem mais nítida, a fisionomia que não conseguiram tornar invisível.

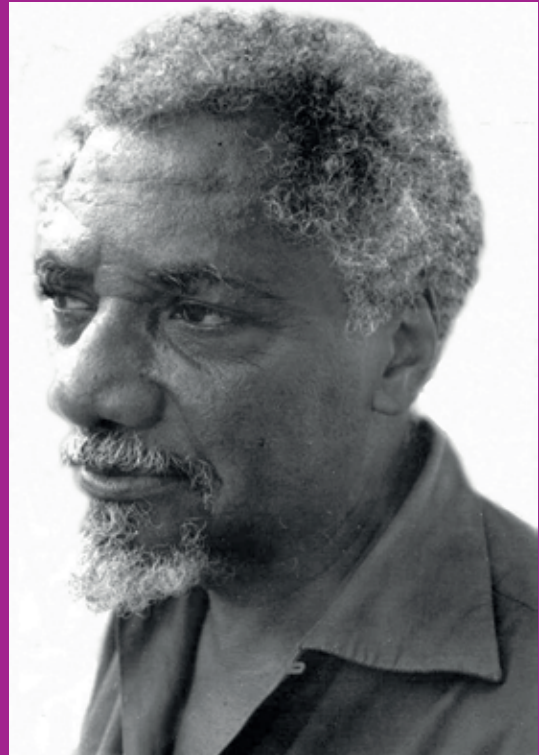
“Latino-americanos a congregam os vários desdobramentos da diáspora africana nestes tempos pós-coloniais. Conscientes de suas vastas raízes, sabedores que os próprios iberos colonizadores já traziam dentro de si o sangue norte-africano, após 8 séculos em que eles dominaram a península.

“Brasileiros que há cinco anos tem em sua legislação a de número 10.639, sancionada a 9 de janeiro de 2003, tornando obrigatório, no ensino Fundamental e Médio, o ensino de história e cultura afro-brasileira e história e cultura africana, estabelecendo diretrizes para as relações interétnicas em nosso país.”

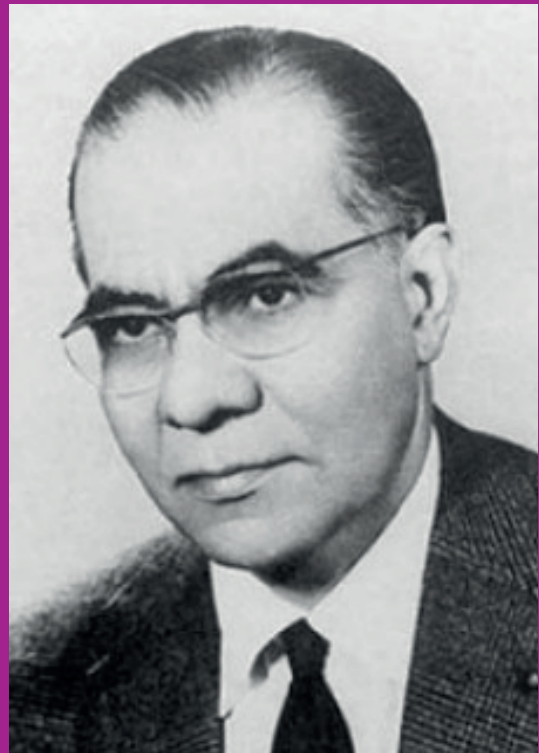
Repetindo-se o mesmo modelo de edições anteriores, mais de um autor recebeu as homenagens. Solano Trindade e Josué de Castro, nos seus centenários de nascimento. E também foi celebrado outro poeta negro – Cruz e Sousa – nos 110 anos de sua morte. Naquele 2008 completavam-se 140 da apresentação pública de “Tragédia no Mar”, ou “O Navio Negreiro”, de Castro Alves, o poeta abolicionista por excelência. O ano de 2008 marcava também os 120 anos da abolição formal da escravatura no Brasil.

Nessa, como nas demais Fliportos, uma “filosofia” norteava o trabalho: a literatura não é mero entretenimento, “mas como fator educacional de formação humanística, como parte da cultura, como princípio ético/estético a preencher o vazio e fortalecer no homem a coragem, a resistência, o gosto da beleza, a busca de si mesmo, a solidariedade entre os povos”, como aliás registrado na apresentação da obra já referida.

Solano Trindade (1908-1974):
"Só nas estações/quando vai
parando/lentamente começa
a dizer/se tem gente
com fome/dá de comer".



Josué de Castro (1908-1973):
"Tanto lá na África como
aqui no Brasil, negros e
índios se atiravam à terra
com apetite, sob a pressão
da fome específica, da
necessidade imperiosa de
ingerirem os sais minerais,
negados ao seu organismo
por dietas incompletas".
(Em *Geografia da Fome*)



A Fliporto chegou ao quinto ano, em 2009, e deu início aí a mudanças substantivas. Optou por ficar mais atenta ao essencial, compacta e concentrada. A escolha de um só autor homenageado para o congresso literário evidenciava claramente a opção por trilha de maior rigor e foco. Sendo o poeta João Cabral de Melo Neto, conhecido pela concisão e precisão da linguagem, os novos rumos que passava a tomar a festa foram decerto facilitados.

Diálogo passou a ser a palavra-chave. “Diálogo”, por sinal, é como se chama um poema de João Cabral, do livro *Paisagens com figuras*, dedicado a J. P. Moreira da Fonseca, seu companheiro de geração de tal maneira marcado pelos valores das artes plásticas que, além de poeta, era também pintor.

Porto de Galinhas podia prefigurar, portanto, algo como uma bela paisagem com figuras, cenário ideal para discutir um tema tão caro a João Cabral de Melo Neto – o diálogo, mais que diálogo, o vínculo do Brasil (de Pernambuco, do Nordeste) com a *sua* Península Ibérica, e nesta, de modo particular, a Espanha. Numa profunda relação. A tal ponto que o seu *riguroso horizonte* levava a um poema como “Autocrítica”:

“Só duas coisas conseguiram
(des)feri-lo até a poesia:
o Pernambuco de onde veio
e o aonde foi, a Andaluzia.
Um, o vacinou do falar rico
e deu-lhe a outra, fêmea e viva,
desafio demente: em verso
dar a ver Sertão e Sevilha.”

O encontro em 2009 não pretendia ser apenas uma estrada de mão dupla Espanha/Brasil e Brasil/Espanha, tratou de abrir veredas e *senderos* que falassem também de Portugal, e dos países da América Hispânica (por sinal, tema da Fliporto em 2007). Daí que a conferência de abertura, tenha sido de um uruguaio, Eduardo Galeano, e a de encerramento, de um chileno, Antonio Skármeta.

O Galeano das grandes palavras, das *Palavras Andantes*, ilustradas pelo gravador pernambucano J. Borges, falou sobre “os espelhos da memória”. O escritor Cláudio Aguiar (tão afim da Espanha, de Castela e Leão, de Salamanca) foi o apresentador dessa conferência. Partindo da leitura de trechos de um livro que teve lançamento nacional na Fliporto, Galeano compôs um grande mosaico de reflexões (algo típico do seu estilo) sobre



O uruguaio Eduardo Galeano, autor de livros como *As veias abertas da América Latina*, *Espelhos: Uma história quase universal*, e dezenas de outros.

uma “história quase universal”, partindo de uma súplica de um índio de Dakota do Sul. “Pai, pinta-me o mundo no meu corpo.” Mais do que um discurso a respeito de geografias e histórias, sua fala espelhava o seu mergulho na humana civilização. No específico, algo da ironia de uma Espanha que nem um espanhol reconhece com precisão, como neste seu pequeno texto “A herança negada”:

“Uma noite, em Madri, perguntei ao taxista:

— Que trouxeram os mouros à Espanha?

— Problemas – me respondeu, sem a mínima dúvida ou hesitação.

Os chamados mouros eram espanhóis de cultura islâmica, que na Espanha tinham vivido durante oito séculos, trinta e duas gerações, e ali haviam brilhado como em nenhuma outra parte.”

Uma outra passagem onde o humor remete à Espanha e a Espanha ao humor é quando Galeano faz lembrar que o grande poeta satírico de Roma, Marcial, era, na verdade, espanhol, e riu-se dos romanos:

“A Espanha foi onde nasceu e morreu, mas em Roma viveu e escreveu o poeta Marcial. Eram os tempos de Nero, e estavam na moda as perucas feitas com os cabelos dos bárbaros – como eram chamados os alemães na época:

Este cabelo louro lhe pertence.

Ela o disse, e não mente.

Eu sei onde o comprou.

E as pestanas postiças:

Continuas piscando o olho sob a pálpebra

Que tiraste de uma gaveta esta manhã.

A morte, como agora, melhorava os poetas:

Só os mortos são elogiados.

Prefiro a vida aos elogios.

A visita médica podia ser fatal:

Não tinha febre quando vieste

E a tive quando me viste.

E a justiça podia ser injusta:

Quem te aconselhou a cortar o nariz do adúltero?

Não foi com esta ponta que te traiu.”

Com essa perspicácia e sentido de humor e agudeza transcorreu a grande fala de Galeano. Seu diálogo se estendeu além do palco montado no auditório do Hotel Armação, pois conversou com escritores seus amigos, como Ariano Suassuna, e os seus muitos leitores que rapidamente esgotaram os exemplares disponibilizados dos seus livros à venda na Fliporto.

O congresso literário reuniu escritores de oito países (além, obviamente, do Brasil): Espanha, Portugal, Uruguai, Chile, Colômbia, Venezuela, Canadá e Israel. Deste último veio um escritor que estava àquela altura radicado no Equador, e que há muitos anos trabalha em temas como a identidade ibero-americana e as relações profundas dos judeus em diáspora com diversas culturas, começando pelo registro sefardita: Yaron Avitov.

OLINDA



Nascida numa família de judeus da Ucrânia, e naturalizada brasileira, a escritora Clarice Lispector (1920-1977) foi a homenageada da Fliporto 2010.

EM 2010, A FLIPORTO APROFUNDOU ainda mais as mudanças. Trocou Porto de Galinhas por Olinda, cidade tão deslumbrante que une a paisagem natural à riqueza cultural. O poeta Carlos Pena Filho a definiu assim:

“Olinda é só para os olhos,
não se apalpa, é só desejo.
Ninguém diz: é lá que eu moro.
Diz somente: é lá que eu vejo.”

Por que mudou-se a Fliporto para Olinda? Simplesmente para ficar mais próxima do seu público, integrado em maioria por moradores de Olinda e do Recife e sua região metropolitana. O evento principal da festa, o congresso literário, passou a ser realizado numa tenda montada e climatizada na praça do Carmo, com capacidade para 900 pessoas. O resultado foi que se multiplicou o sucesso: em 2010, o público que visitou a praça, nos quatro dias de evento, foi estimado em 60 mil pessoas. Numa pesquisa, que media o índice de satisfação do público, 95% dos entrevistados aprovaram com louvor a festa.

Também foi ampliada grandemente a feira de livros, e dinamizado o Circuito Gastronômico. Um polo de restaurantes aderiu à proposta, preparando pratos especiais, e temáticos, e foi montada uma cozinha-show, com a participação de chefs famosos.

A Fliporto de 2010 teve como tema “Literatura e presença judaica no mundo ibero-americano”. A homenageada foi Clarice Lispector. Mais uma vez, o tema e o autor homenageado compunham uma espécie de simbiose, pois, sendo judia Clarice e esta condição estando nas raízes mais profundas da sua inspiração e linguagem, como pensar uma coisa sem a outra?

Certos aspectos mais densos e graves da existência e da civilização não poderiam estar ausentes da Festa. Começando-se pelo mais grave deles –





O jornalista Geneton Moraes Neto e a escritora austríaca Eva Schloss.

o holocausto. E logo na abertura. No depoimento emocionado de Eva Schloss, irmã de Anne Frank, que viveu os horrores do campo de concentração na Polônia, e contou no livro *A história de Eva*.

A história de Eva é a história de milhões. A História. Contá-la serve mais do que como testemunho, serve para, aquilo que com tanta propriedade e conhecimento de causa disse Primo Levi: um “estudo sereno de alguns aspectos da alma humana”. Mais do que um “coração posto a nu”, foi a História o que se ouviu na entrevista de Eva Schloss a Geneton Moraes Neto e Moacyr Scliar (a participação na Fliporto, em Olinda foi a última presença do grande escritor gaúcho em eventos de literatura, pois faleceria três meses depois, em Porto Alegre).

Infelizmente, a perseguição aos judeus esteve longe de limitar-se àqueles campos de concentração e aos episódios da II Guerra Mundial. Alguns anos antes daqueles milhões que pereceriam em tais sítios de extermínio, houve, entre outros, um episódio mencionado assim por Benjamin Moser:

“Apesar de largamente esquecido hoje em dia, o que aconteceu com os judeus da Ucrânia na época do nascimento de Clarice Lispector foi um desastre numa escala nunca antes imaginada. Talvez 250 mil tenham sido mortos: com exceção do Holocausto, foi o pior episódio de antissemitismo da história.”

Moser escreveu isso no livro *Clarice*, uma das mais completas biografias da grande escritora brasileira, nascida na Ucrânia e desde cedo radicada no Recife. Apesar da afirmativa de Clarice de que “vai ser muito difícil alguém escrever minha biografia, se escreverem”, sua vida foi escrita por



Teresa Montero, Nadia Batela Gotlib e Benjamin Moser. Os três biógrafos estiveram presentes na Fliporto de 2010.

Teresa veio participar de dois painéis. Num, esteve com Cássia Kiss Magro, Taciana de Fátima Oliveira, Germano Haiut e Stella Maris, falando do filme *Clarice e A descoberta do mundo*. Noutro, apresentou o terceiro volume – de crônicas – da série que organizou, e vem sendo publicada sob o título de *Clarice na cabeceira*. Junto com ela estavam dois autores que participaram da seleção e comentários dos textos da antologia: Bianca Ramoneda e Joaquim Ferreira dos Santos.

Por sua vez, Nadia e Benjamin estiveram num debate em que não só explicaram os métodos utilizados para escrever uma biografia, mas suas divergências ao contar a vida de Clarice.

Os aspectos mais específicos do judaísmo na vida e na obra de Clarice foram tratados por Arnaldo Niskier, Nelson Vieira e Luzilá Gonçalves Ferreira, no painel “O tema judaico em vozes brasileiras: Clarice Lispector e outros casos exemplares”. Os tópicos tratados foram muito instigantes:

“De que maneira o judaísmo influenciou Clarice Lispector? Há controvérsias nisso? Como foi sua educação? e que ideias ela nutria? Quem foi Bento Teixeira e de que modo sua história pode motivar um romance? e outros cristãos-novos, marranos, judeus que definem e redefinem a literatura?”

Benjamin Moser, biógrafo de Clarice Lispector, numa rua de Olinda, durante a Fliporto de 2010.



Pouco tempo depois de haver participado da Fliporto, Niskier, membro da Academia Brasileira de Letras, publicou no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 2010, suas impressões a respeito da festa:

O SUCESSO DA FLIPORTO

Arnaldo Niskier

Não faltou criatividade à Fliporto, realizada este ano na ensolarada cidade de Olinda (Pernambuco), aliás considerada, com muita propriedade, “uma Jerusalém dos trópicos”, tamanha a sua luminosidade. Com vários espaços muito bem montados, pela organização dirigida pelo escritor Antônio Campos, o público pôde se deliciar, por exemplo, com a “lídiche Shul”, reprodução de uma escola judaica, onde eram contadas muitas histórias sobre a presença dos judeus no estado de Pernambuco. Desde o período holandês até os nossos dias.

A escritora Clarice Lispector, que nasceu na Ucrânia, passou toda a sua adolescência em Recife, que amava como se lá tivesse nascido. Estudou na Escola Israelita e jamais deixou de cultivar, sobretudo na sua apreciada obra, os valores nos quais foi formada. A apresentação de “O olhar judaico na obra de Clarice Lispector” arrancou aplausos da enorme plateia do “Espaço Literário”, onde foram realizadas as sessões principais. Uma das maiores atrações da Fliporto, a nosso ver, foi o dramático depoimento da escritora austríaca Eva Schloss, sobrevivente de Auschwitz. Apresentada e inquirida por Geneton Moraes e o acadêmico Moacyr Scliar, ela recordou seus terríveis pesadelos: “Prefiro colocar no livro *A história de Eva* tudo o que vi e sofri, sem jamais perder a minha fé original.” Mas faz um alerta: “Apesar do Holocausto e da insanidade que o cercou, ainda existe antissemitismo na Europa. Por isso, dedico a minha vida ao trabalho de educar.”

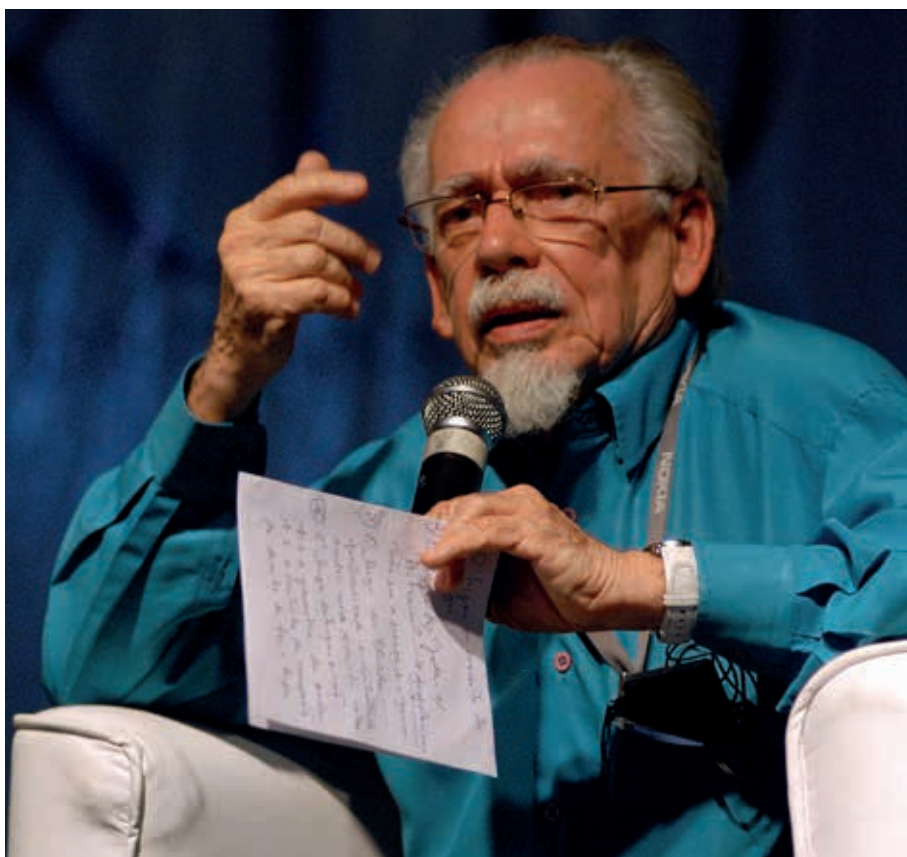
A mãe de Eva Schloss casou-se, depois da Guerra, com Otto Frank, pai da jovem Anne Frank, autora do famoso *Diário* que se tornou um *best-seller*. Conhecemos em Amsterdã a casa em que a menina foi confinada, durante o conflito mundial, passando mais de dois anos sem poder sair e vendo apenas uma nesga do céu azul da capital holandesa. Uma experiência dramática.

Eva esclareceu, diante de uma pergunta do escritor Moacyr Scliar, que passou muitos anos, depois do conflito, até que pudesse se abrir diante dos filhos. Quem contou a eles as misérias da Guerra foi o padrasto Otto Frank, pois ela se sentia completamente reprimida diante do sofrimento.

Como a temática proposta pela direção da Fliporto comportava, houve também discussões esclarecedoras sobre a presença judaica em Pernambuco, nos séculos XVI e XVII, depois das perseguições sofridas na Península Ibérica. No ano de 1645, como explicou o historiador Ronaldo Vainfas, no livro *Jerusalém Colonial* (Editora Civilização Brasileira), “as ocupações holandesas, que permitiram a liberdade religiosa, criaram oportunidades de negócios para os ‘judeus novos’, que chegaram a formar uma comunidade estimada de 5 mil pessoas.”

Hoje, é sabido que foram eles que, saindo do Recife, transferiram-se para os Estados Unidos, onde criaram a cidade de Nova Amsterdã, base do que hoje é a gigantesca Nova Iorque. Mas deixaram algumas boas lembranças no Nordeste brasileiro, como a primeira sinagoga construída em nosso território.

Jornal do Commercio (RJ), 3/12/2010



O arquiteto e historiador José Luiz Mota Menezes.

As discussões esclarecedoras a que fez referência Niskier aconteceram na mesa “As novas Jerusaléns e Sefarad”, com a participação de Ronaldo Vainfas, José Luiz Mota Menezes e Angel Espina Barrio. Foi uma abordagem do tipo histórico, em que vários aspectos do problema se entrelaçaram de maneira viva: o que era a tal Jerusalém Colonial, quem e como viviam nela? E a relação de tudo isso com os tempos sombrios da Inquisição?

Também da história tratou Alberto Dines, que ‘revisitou’, em Olinda, dois grandes personagens: Ambrósio Fernandes Brandão e Stefan Zweig. O que houve de comum entre ambos foi principalmente o louvor ao Brasil, um exaltando as grandezas da terra que começava a ser colonizada, o outro proclamando *Brasil – país do futuro*. Apesar da visão tão positiva dos trópicos, Zweig terminou por suicidar-se no Rio de Janeiro. Destino, entretanto, ainda mais trágico teve um carioca de dois séculos após Ambrósio e dois séculos antes de Zweig: Antônio José da Silva, cognominado O Judeu que, por sinal, foi o tema de um dos melhores livros de Dines: *Os vínculos do fogo*.



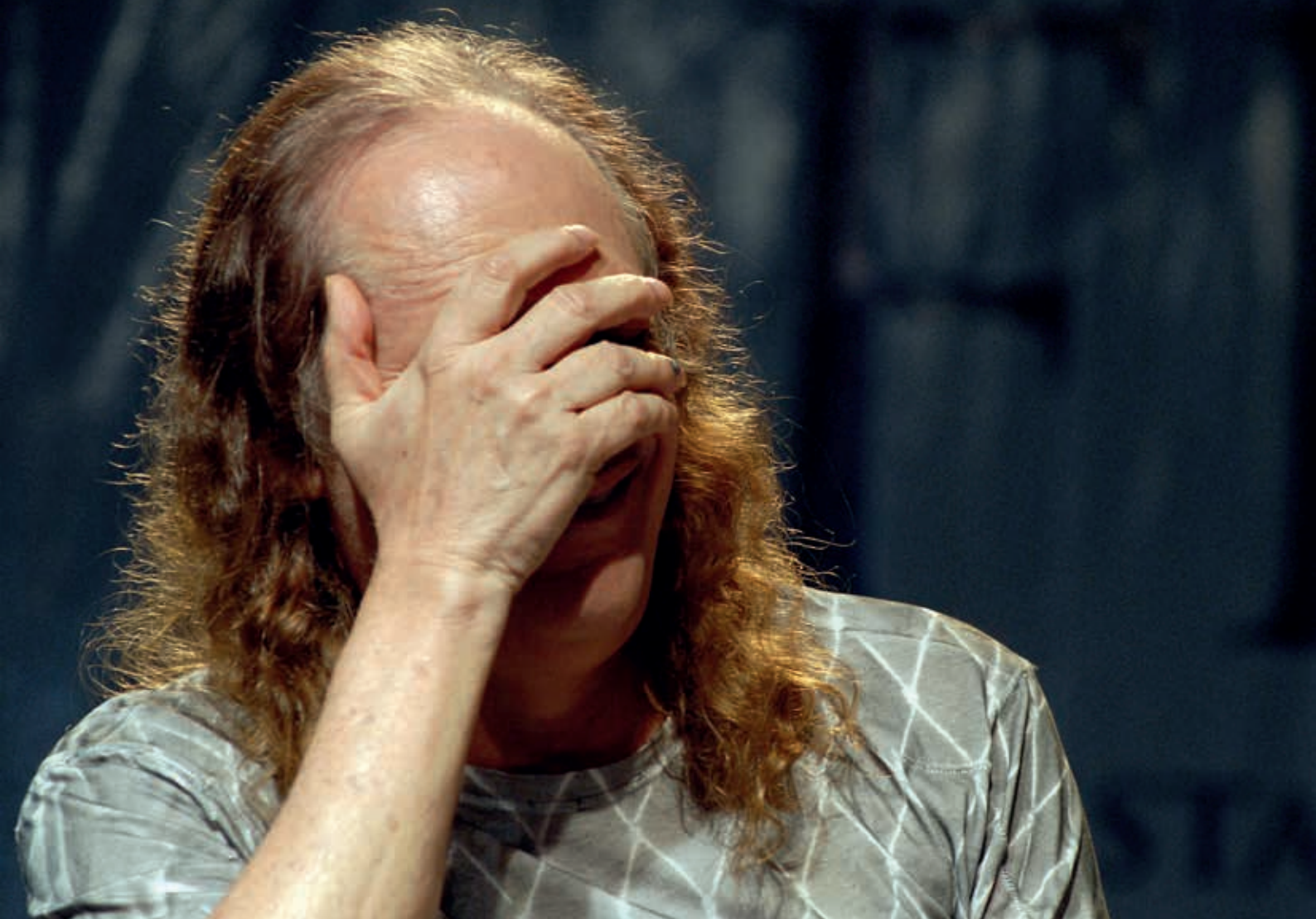
O jornalista Alberto Dines lê conferência sobre Ambrósio Fernandes Brandão e Stefan Zweig. Ao seu lado, o jornalista e poeta Samarone Lima, que o apresentou e entrevistou.

Em homenagem ao Judeu foi o “Concerto para António José da Silva”, promovido na Fliporto por Anna Maria Kieffer. Na verdade, concerto-palestra, pois, além da execução das peças musicais com a participação de Mauro Wrona, Gisela Nogueira e Élon Leônidas, Kieffer explicou o contexto daquela obra:

“António José da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1705, de uma família de cristãos novos de alto nível cultural, proprietários de terras e engenhos de açúcar. Denunciados à Inquisição de Lisboa, foram presos e enviados a Portugal, tendo seus bens sequestrados. Apesar de tudo, o jovem António José, depois de libertado, conseguiu formar-se em Coimbra.

Foi autor de diversas comédias entremeadas de música, encenadas em Portugal e no Brasil, com grande sucesso, principalmente para teatro de bonecos. Denunciado novamente à Inquisição, foi garroteado e queimado em praça pública, em Lisboa, em 1739. É considerado o mais importante dramaturgo português e luso-brasileiro de seu tempo. O concerto, além de abordar a música de António Teixeira para as peças de António José da Silva, revela exemplos musicais recolhidos no Brasil e que se referem às peças do ‘Judeu’ eventualmente utilizadas em montagens aqui realizadas. Também enfoca tradições judaicas presentes em Portugal, desde a Idade Média, e que se mantiveram vivas na tradição popular do Brasil, até os dias de hoje. A introdução recria um poema do rabino Isaac Aboab da Fonseca e um canto tradicional, ambos entoados na Sinagoga do Recife durante a invasão holandesa, no século XVII.”

Música em sintonia com a literatura houve também em outras mesas. Dois painéis em espelho trataram disso. Um, com o poeta Marcus Accioly e o músico César Barreto. Outro com o cantor e compositor Alceu Valença. No caso de Barreto, há um disco, dos mais importantes de sua carreira, em que o conhecimento e o gosto pela cultura judaica está presente: *Homenagem a Sefarad*. Sua parceria com Accioly materializou-se a partir do momento em que musicou os poemas de *Nordestinados*. As músicas do disco homônimo a partir desse livro foram cantadas por César Barreto e os poemas recitados por Marcus Accioly.



O cantor e compositor Alceu Valença, em conversa sobre poesia na canção popular e detalha, em primeira mão, na Fliporto, sua estreia, como diretor de cinema, no filme *Cordel virtual ou a luneta do tempo*.

No outro painel, mas sem canto, Alceu Valença explicou sua relação com a poesia e falou em primeira mão do filme em que estrearia como diretor – então inédito – *Cordel virtual ou a luneta do tempo*, onde a linguagem e o ritmo da poesia popular atual são forças determinante. Isso esteve sempre com ele. A poesia veio antes da música. Ainda na infância conheceu o poeta Ascenso Ferreira e na adolescência teve poemas publicados nos suplementos literários do *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, no Recife.

Não é por acaso, portanto, que suas canções estejam cheias de referências literárias. Alceu Valença fez na Fliporto uma apresentação de todo lúdica, com dois “mediadores”: os jornalistas Julio Moura e Duda Guennes. Este, há décadas vivendo em Lisboa, morador da Rua da Alegria, no Bairro Alto (há referência na música “Loa de Lisboa”). Duda (cuja participação no painel em torno de música marcou sua última viagem a Pernambuco), definiu assim Alceu, na Fliporto:

“o goliardo, o jogral, o velho do pastoril, o truão dos velhos circos e o palhaço dos circos mambembes: Alceu Valença, que projetou para si próprio uma longa travessia, deixa um pouco a música e a palavra para abraçar o universo da imagem. Espero que seja dessa sua nova aventura que Alceu nos venha contar.”

E Alceu:

“Ele colocou essa questão do cinema, que eu fiz agora, realmente ele está ligado à literatura, porque o meu filme se chama *Cordel virtual ou a luneta do tempo*, é um filme que foi feito em versos, é como se fora um cordel, é fruto da literatura de cordel, da feira de São Bento do Una, dos violeiros, dessa cultura primal, das coisas da minha infância.”

Julio Moura leu trecho de uma entrevista de Alceu Valença, de 1982, por ocasião do lançamento do disco *Cavalo de Pau*:

“A grande poesia brasileira já não mora só nos livros, mas também nos discos, na música popular, resolvi assumir o poeta que sou e fiz um disco de poetas e para poetas, estou dizendo em voz alta que sou poeta.”

A Fliporto fechou com chave de ouro a homenagem a Clarice ao apresentar no encerramento o monólogo teatral *Simplesmente eu, Clarice Lispector*, com Beth Goulart. Outra espécie de simbiose com a escritora, como explicou a atriz que a re-vive no palco:

“Há dois anos mergulhei em pesquisa para escrever a dramaturgia lendo tudo o que podia de sua obra e livros biográficos. Fiz dois *workshops* com Daisy Justus – uma psicanalista especializada em Clarice Lispector que analisa sua obra sob a ótica da psicanálise. Vi e ouvi tudo o que podia sobre ela, suas entrevistas, fotos, o depoimento no MIS, a entrevista póstuma na TV Cultura; enfim, me tornei uma esponja de tudo o que se referia a ela. Nesta performance trago Clarice para um encontro com o público, nele serão reveladas suas definições sobre si mesma e seu processo criativo. Num primeiro momento, ela se apresenta, falando da importância das palavras em sua vida; num segundo momento, no formato de uma entrevista, revela suas ideias, sua inteligência e seu temperamento em cada resposta criativa, sensível e bem humorada.”



A atriz Beth Goulart apresenta no encerramento da Fliporto de 2010
o monólogo *Simplesmente eu, Clarice Lispector*.

Humor foi o que não faltou no painel “Assim não é se lhe parece: literatura e vida real”. Na verdade, dois painéis em um só. As duas faces de uma moeda que tem o humor. O primeiro tratou de Bussunda, na voz do seu biógrafo Guilherme Fiúza, e de uma de suas musas, a atriz Maria Paula. “Bussunda Besserman Vianna. Religião: humor e futebol”. O título era uma sutil maneira de deixar claro que, embora fosse judeu, o humorista não era religioso, devotava-se, é verdade, a outras práticas, muito mais terra a terra.

A outra face da moeda estaria a cargo do autor de *A dupla face do baralho* – o romancista Raimundo Carrero. A ficção dele, cheia de angústias e questionamentos, foi o pretexto para o livro a respeito da “fragmentação do humano”, que o jornalista Marcelo Pereira lançou durante a Fliporto. Infelizmente, Carrero não pode participar daquele painel, pois muito pouco tempo antes do início da festa, ele sofreu um Acidente Vascular Cerebral, e estava ainda em processo de recuperação naqueles dias.

Quem diz realidade diz também ficção, e quem diz ficção refere-se não somente à fantasia e imaginação, mas às coisas mais cotidianas. Sobre o dia a dia – e as chispas das ficções – conversaram Contardo Calligaris, Ronaldo Wrobel e João Tordo.

Contardo, aliás, escreveu um artigo na *Folha de S.Paulo* desdobrando algo que houvera no diálogo do público e Benjamin Moser no painel sobre Clarice. O artigo intitula-se “A coerência é um valor moral?”, e assim começa:

“No fim da semana passada, estive em Olinda, na Fliporto (Feira Literária Internacional de Pernambuco). No sábado, Benjamin Moser, que escreveu uma linda biografia de Clarice Lispector (*Clarice*, CosacNaify), lembrou que, na famosa entrevista concedida à *TV Cultura* em 1977, a escritora afirmou que não fizera concessões, não que soubesse. Moser acrescentou imediatamente que ele não poderia dizer o mesmo. E eis que o público se manifestou com um aplauso caloroso.

“Talvez as palmas de admiração fossem pela suposta coerência adamantina de Clarice, que nunca teria feito concessões na vida. Talvez elas se destinassem a Benjamin Moser pela admissão sincera de que ele (como todos nós) não poderia dizer o mesmo que disse Clarice. Tanto faz. Nos dois casos, o pressuposto é o mesmo. Que as palmas fossem pela força de caráter de Clarice ou pela honestidade de Moser ao reconhecer sua própria fraqueza, de qualquer for-



O escritor e psicanalista Contardo Calligaris fala do romance e dos seus pontos de origem, em livros como *Dom Quixote* e *Robinson Crusoe*.

ma, não fazer concessões parecia ser, para os presentes, uma marca de excelência moral.” (Pode ser lido na íntegra na *Folha de S.Paulo* do dia 25 de novembro de 2010, Caderno Ilustrada, p. E20).

As crônicas de Contardo, como a participação dele na Fliporto, costumam ter um élan de fineza filosófica que encontramos, por exemplo, nos Ensaio de Montaigne. E por falar em filosofia, como num banquete de ideias, reuniram-se à mesa do congresso literário em Olinda o historiador Gunter Axt e a escritora Marcia Tiburi, num bate-papo com Camille Paglia, uma das mais provocativas e agudas pensadoras dos tempos atuais. Foi como um passeio no bosque das ideias mais do que um mergulho na “*selva selvaggia e aspra e forte*”.

Com a mesma agudeza, mas numa outra direção, completamente literária, discorreu Ricardo Piglia sobre um tema onde há mais espinhos que flores: o da crítica, ou melhor, do escritor como crítico. No tratamento do tema na Fliporto ele se estendeu mais do que em *O último leitor*, quando diz sobre o crítico:

“Al fijar las escenas de lectura, la literatura individualiza designa al que lee, lo hace ver en un contexto preciso, lo nombra. Y el nombre propio es un acontecimiento porque el lector tiende a ser anónimo e invisible. Por de pronto, el nombre asociado a la lectura remite a la cita, a la traducción, a la copia, a los distintos modos de escribir una lectura, de hacer visible que se ha leído (el crítico sería, en este sentido, la figuración oficial de este tipo de lector, pero por supuesto no el único ni el más interesante). Se trata de un tráfico paralelo al de las citas: una figura aparece nombrada, o mejor, es citada. Se hace ver una situación de lectura, con sus relaciones de propiedad sus modos de apropiación.”

Foi mesmo um desfile de grandes nomes da literatura e do pensamento a Fliporto de 2010. Ao nome de Piglia logo acrescentamos o de Alberto Manguel, que tratou do assunto mais rica e recorrentemente explorado em sua obra, que é o do livro, e tendo como mediador um dos escritores mais importantes da atualidade: José Eduardo Agualusa. Manguel fez uma abordagem coloquial sobre o livro, e por vezes o mediador passou a ser ele, e o autor entrevistado Agualusa. Diz Manguel na sua história da leitura:



A ensaísta e crítica da cultura,
e "feminista dissidente",
Camille Paglia, em Olinda, em 2010.

“É o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifra-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

“Só aprendi a escrever muito tempo depois, aos sete anos de idade. Talvez pudesse viver sem escrever, mas não creio que pudesse viver sem ler. Ler – descobri – vem antes de escrever. Uma sociedade pode existir – existem muitas, de fato – sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem ler. De acordo com o etnólogo Philippe Descola, as sociedades sem escrita têm sentido linear do tempo, enquanto nas sociedades ditas letradas o sentido do tempo é cumulativo;

José Eduardo Agualusa conversa com Alberto Manguel
que apresentou na Fliporto o tema “Ler o livro do mundo”.



ambas sociedades movem-se dentro desses tempos diferentes mas igualmente complexos, lendo uma infinidade de sinais que o mundo tem a oferecer. Mesmo em sociedades que deixaram registros de sua passagem, a leitura precede a escrita; o futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema social de signos antes de colocá-los no papel. Para a maioria das sociedades letradas – para o Islã, para sociedades judaicas e cristãs como a minha, para os antigos maias, para as vastas culturas budistas –, ler está no princípio do contrato social; aprender a ler foi meu rito de passagem.

“Depois que aprendi a ler minhas letras, li de tudo: livros, mas também notícias, anúncios, os tipos de pequenos no verso da passagem do bonde, letras jogadas no lixo, jornais velhos apanhados sob o banco do parque, grafites, a contracapa das revistas de outros passageiros no ônibus. Quando fiquei sabendo que



Cervantes, em seu apego à leitura, lia até os pedaços de papel rasgado na rua, entendi exatamente que impulso o levava a isso. Essa adoração do livro (em pergaminho, em papel ou tela) é um dos alicerces de uma sociedade letrada. O islã leva a noção ainda mais longe: o Corão não é apenas uma das criações de Deus, mas um de seus atributos, tal como a onipresença ou a compaixão.”

A exaltação do livro encontra-se em profusão na cultura judaica. Inclui-se em alguns aspectos mais místicos, como é o caso da cabala, tema de *O último cabalista de Lisboa*, de Richard Zimler. Ele falou em Olinda desse de outros dos seus livros e exibiu um filme (baseado no seu conto “O espelho lento”) que foi premiado em Nova York.

Além do grande domínio da psicologia das personagens, Zimler é um mestre do romance histórico, e foi buscar em acontecimentos do século 16 e 20 a inspiração para sua narrativa, com poderosas personagens e situações, e sua forte construção é manejada de tal maneira que o leitor fica sem saber (e quanto melhor a narrativa mais gostará de ficar sem saber) se são reais ou inventadas.

Construtores de livros, mas que poderiam perfeitamente ser invenções de um ficcionista como Borges, por exemplo, foram Franz Kafka e Fernando Pessoa. O primeiro, judeu e sionista; o segundo, a orgulhar-se de seus antepassados marranos. Sobre eles e suas obras tratou um painel muito erudito: “Franz Kafka e Fernando Pessoa: a tradição judaica e a tradução”. Ioram Melcer e Marcio Seligmann foram os palestrantes.

O tradutor Melcer mostrou ao público algo surpreendente a respeito do autor de *Mensagem*: Pessoa “talmudista”. Ele descobriu que o poeta incorporou de maneira codificada algumas leituras importantes feitas no Talmud. Diferentemente do conhecido clichê *traduttore traditore*, neste o tradutor se revela como o mais fiel leitor possível da mensagem em *Mensagem*.

Seligman sublinhou que “na versão que Kafka cria da construção da Torre de Babel os tradutores já fazem parte do *staff* de construção desde sempre. Ou seja, para Kafka, a unidade das línguas está perdida de antemão. Só resta o trabalho do escritor: como os carteiros de outra parábola sua que não têm destinatários e estão condenados a circular eternamente, como o mensageiro do rei que nunca pode sair do castelo, como o marinheiro que leva a mensagem da construção da muralha da China e a anuncia aos quatro ventos. Resta apenas o trânsito, a infinita tradução em parábolas e

A full-body photograph of Richard Zimler standing in front of a wall covered in graffiti. He is wearing a light blue short-sleeved button-down shirt, red trousers, a black belt, and a bolo tie with a green and gold pendant. His right arm is extended to the right, touching the wall. The graffiti on the wall includes the word 'office' and other abstract markings.

Richard Zimler é um escritor
estadunidense, naturalizado português.
Na foto, em Olinda, onde participou da
Fliporto de 2010, lançando o livro
Os anagramas de Varsóvia.



A partir da esquerda, Rafael Coutinho, Xico Sá, Daniel Galera, e, no destaque, abaixo, João Lin. Eles participaram de debate muito animado e bem-humorado sobre HQ, na Fliporto 2010.



entre as infinitas línguas. O ‘monolinguismo germânico’ de Kafka revela-se como uma monolíngua fragmentada e que, em um *perpetuum mobile*, cria o ser em um jogo de diferenciação, vale dizer, de deslocamento”.

Num encontro sobre a cultura judaica não poderia faltar uma mesa sobre a literatura árabe, nem outra sobre questão da relação dos judeus com os árabes e palestinos. Para o painel “Fases da poesia, literatura e identidade árabes na atualidade” estavam confirmados: Ali Ahmad Esber (Adonis), que conversaria com Milton Hatoum e Michel Sleiman. Pouco antes de iniciar-se a Fliporto, Adonis teve de cancelar a participação por problemas de saúde. A mesa transcorreu com os demais convidados e o poeta Lawrence Flores Pereira, que atuou como mediador.

“Árabes e judeus no país do futuro” foi a mesa que reuniu Adriana Armony, Tatiana Salem Levy e Ron Leshem, com mediação de Richard Zimler. As duas escritoras foram as organizadoras da antologia *Primos*, lançada na Fliporto, e que reúne contos de escritores brasileiros de origem judaica e árabe. Quanto a Leshem, o livro mais conhecido dele é *Se houver um paraíso*, em que descreve o cotidiano de soldados de Israel do forte Beaufort.

Do diálogo entre culturas também falou um especialista no assunto: o francês François Jullien, em conversa com a professora austríaca Kathrin Rosenfield. Há algo universal e de comum entre as culturas que possibilite um diálogo verdadeiro, a despeito de todas as diferenças? Esta e outras questões muito instigantes estiveram em debate nessa mesa.

No mesmo âmbito de discussão da cultura, mas centrando-se na tecnologia, foi a apresentação de Mark Dery, um dos nomes de maior relevo quando o assunto é cibercultura, com uma abordagem especializada, mas acessível e até *pop*. E no universo feericamente pop foi o painel dedicado a história em quadrinhos, novela gráfica, ilustração, com Daniel Galera, João Lin, Rafael Coutinho e Xico Sá.







O escritor
Gilberto Freyre, o
homenageado da
Fliporto em 2011.

UMA VIAGEM AO ORIENTE. Sob esse tema, a Festa Literária Internacional de Pernambuco foi novamente realizada em Olinda em 2011. Para muitos, *viagem* e *Oriente* são quase sinônimos; para outros (como Edward Said), o Oriente é uma invenção do Ocidente. Como um exemplo bem acabado dessa última ideia talvez pudesse ser citado o médico Deepak Chopra. Conhecido pelos seus *best-sellers* de autoajuda, é de certa maneira um ídolo pop. Isso ficou provado quando fez a conferência de abertura da Fliporto. Num auditório superlotado de fãs, como a atriz Christiane Torloni.

Todos seguiram suas palavras como num transe. “Cura, transformação e consciência” foi o ponto de partida de sua explanação que encantou a plateia que começava ali sua viagem ao Oriente. Era como se na aura daquela elocução não literária pairasse o verso de Fernando Pessoa: “a melhor maneira de viajar é sentir”.

O sentimento ‘oriental’ do Brasil foi uma das antecipações de Gilberto Freyre. Daí a naturalidade de que tenha sido ele o homenageado nessa Fliporto do Oriente. Orientes, seria mais exato dizer, pois Freyre não se limitou a mostrar os orientalismos brasileiros que seriam heranças do Oriente Médio ou Próximo, mas também os do Extremo Oriente, tão bem retratado na *China Tropical*.

A problemática oriental no começo do século 21 foi assumindo um relevo cada vez maior, e ao ser escolhido, em 2010, o Oriente como o tema do ano seguinte, nenhum profeta poderia antecipar talvez o que se desencadearia, meses antes da Fliporto, um grande fenômeno de massas que foi chamado de Primavera Árabe. Ainda que sendo uma festa literária, não poderia a Fliporto deixar de lançar os olhos à realidade mais premente e mais quente. Tendo sido pioneira, entre os eventos do gênero no Brasil, em

combinar, na medida certa, a literatura com as outras artes, promovendo um diálogo de linguagens, a Fliporto também assim o fez no que diz respeito a relação da literatura com outras áreas das chamadas humanidades. Num tempo muitas vezes definido como o da Sociedade do Conhecimento, a nada do que inquieta o humano pode ficar alheio um escritor, e muito menos um festival de literatura onde o seu principal segmento é chamado de “congresso literário”. Purificando-se, é claro, do ranço mais acadêmico da expressão, uma festa literária pode encontrar em palestras e debates de alto nível a convergência e a medida certa dessas correlações.

Se a ascensão do intelectual laico é uma das chaves do mundo moderno, como ensina Paul Johnson no seu conhecido livro sobre o assunto, há casos fascinantes, como o de Frei Betto, que não sendo um laico, é, no entanto, um intelectual de primeira ordem. E tem o respeito e a influência no mundo laico provavelmente até mais fortes do que no meio religioso. Tão ouvida é sua voz na sociedade, e com evidente ressonância política, que muitas vezes a solidez do seu trabalho como “escritor literário” (uma expressão tão cara a Freyre) termina por não ser lembrada com o relevo, ou, pelo menos, o alcance que merece. Assim, num evento em que facilmente ele poderia ser convidado a falar das questões mais desafiadoras da atualidade, o tema que escolheu para sua palestra foi o processo da criação literária. Ele, numa conversa amena com Bia Corrêa do Lago, explicou aos seus muitos leitores-admiradores como escreve os seus livros, e de modo mais particular, o que lançou na ocasião, o seu primeiro romance histórico: *Minas do Ouro*.

Os caminhos da vocação literária, o gosto pela escrita e leitura, a importância do livro. Sobre tópicos assim foi a mesa em que estiveram Gonçalo M. Tavares e Fernando Báez. O português e o venezuelano apresentaram, na conversa com Nelson de Oliveira, visões contrapostas, mas sempre complementares, não tanto do seu processo de elaboração literária – já por si distinta neles, a começar dos gêneros e das temáticas a que se dedicam – mas de sua atitude diante do produto final, o livro. De um lado, o racional e contido Gonçalo; do outro, o apaixonado e torrencial Fernando, que preparou para a Fliporto um texto especial, intitulado “Rebelião e literatura – apontamentos autobiográficos”; num trecho, que toca no ponto referido há pouco – do intelectual – ele afirma:

“Não estamos no melhor momento: de toda maneira, e apenas por dizer, a pergunta de para que serve um intelectual demonstra



Gonçalo M. Tavares, de Portugal, e Fernando Báez, da Venezuela, apresentaram visões distintas a respeito da importância do livro e da leitura como experiência vital.



Fernando Báez

que ainda cabem as suspeitas. ‘Para que, pois, poetas?’, perguntava Martin Heidegger. ‘Para que filósofos?’, replicava J. F. Revel. E por isso, ou talvez pela desconfiança que revela, é que tudo volta ao ponto de partida.

“A história do Ocidente e Oriente demonstra que um grande número de Intelectuais só esteve a serviço do poder e utilizou suas posições privilegiadas para sustentar regimes totalitários. Em geral, os intelectuais, além de oportunistas, têm sido instrumentos para a consolidação de dogmas criminosos. A palavra intelectual, que nos anos sessenta do século 20 despertava certa nostalgia e fascínio, hoje não tem respaldo e, pelo contrário, surgem reservas com a simples menção. A palavra intelectual já não alude a nada crível: o compromisso prometido foi retórico e em boa parte dos casos cada vínculo se traduziu em fracasso estrepitoso.”

Efetivamente, a figura do intelectual centrado tem menos perenidade que a fragmentação do escritor em muitos “eus”, apontando para muitos centros, orientando-se e desorientando-se a si e aos seus leitores de muitos modos. Se é fácil definir o que vem a ser um intelectual, um pouco mais complexo e difuso é o mundo do escritor. Sobre coisas assim conversaram Joca Souza Leão, Raimundo Carrero, Nelson Motta e Ryoki Inoue, este com a particularidade de haver publicado mais de mil livros, a ponto de ser reconhecido como recordista pelo *Guinness Book*, e ser considerado pelo jornalista Alexandre Garcia como “o Pelé da literatura”.

Com muito menos livros publicados (a maioria de poesia e peças de teatro), mas com um reconhecimento mundial, sendo laureado com o Prêmio Nobel de Literatura (1992), Derek Walcott presenteou o público brasileiro com uma conversa animada com o poeta Marcus Accioly.

O grande homenageado da festa, Gilberto Freyre, teve quatro painéis exclusivamente dedicados à sua vida e obra. Destacaram principalmente o escritor na intimidade, com sua arte de fazer amigos e sua personalidade fascinante, e o pensador comprometido com o seu tempo e os lugares que amou, visitou e estudou. Marcos Vinícios Vilaça, José Paulo Cavalcanti Filho, Maria Leticia Monteiro Cavalcanti, Cláudio Aguiar, Kathrin Rosenfield, Valéria Torres da Costa e Silva, Shigeru Suzuki, Dilip Loundo e Marcelo Abreu, Humberto Werneck, Maurício Melo Jr. participaram dos debates.





Os poetas
Marcus Accioly e
Derek Walcott.

Acostumado a figurar como entrevistador, o jornalista Sílio Boccanera contou ao repórter Geneton Moraes Neto como e porque escreveu *Jogo Duplo*, seu único romance, onde há estranhas incidências (logo depois coincidências) que reportam ao 11 de setembro – tendo o livro sido escrito muito antes. Daí que o debate tenha versado sobre “Terrorismo real e fictício”.

A cada nova edição em Olinda, a Fliporto consolidou e aumentou o seu público. A qualidade de sua programação refletiu-se também na repercussão de mídia, especialmente nos novos meios eletrônicos, nas redes sociais, nos blogs, nos jornais, nas TVs em formato digital e outros media. A sintonia entre a Fliporto e as conquistas tecnológicas, aliás, vinha de muito antes. Não somente por haver, pioneiramente, estimulado e premiado textos escritos em vídeo e twitter, nem por transmitir, em tempo real, as palestras do seu congresso literário pela Internet, mas por ter um segmento de suas atividades dedicado especialmente ao digital. Sendo antes denominado Fliporto Digital, passou a explicitar ainda mais sua sinergia com a Festa quando passou a se chamar *E-Porto Party*. Sublinhando-se que, ao lado desse estímulo e vivência do tecnológico, sempre estiveram as ações em prol do meio ambiente, a EcoFliporto.

A transmissão pela internet e as iniciativas da Fliporto no âmbito digital não são provas apenas do seu gosto e compromisso com a inovação, é uma das razões pelas quais pode ser considerada a festa literária mais democrática do Brasil. A proximidade do seu público, a disposição para renovar-se são suas marcas indiscutíveis. Além do acesso gratuito, algo intrínseco a essa democratização referida.

A Fliporto tem sido, ao longo dos seus dez anos, não mais uma festa literária, um evento sazonal. Por todas suas características, alcance, estabilidade, repercussão e influência, algo como um movimento articulado. Iniciativa das mais vitoriosas da indústria criativa no Nordeste. No que há de maior e no que há de melhor na expressão brasileira da chamada Economia da Cultura.

Sendo uma festa literária, nunca esteve restrita apenas à literatura. Daí a presença em suas mesas não somente de escritores os mais importantes, premiados e de sucesso de público, dos vários continentes. Mas de engenheiros, historiadores, antropólogos, sociólogos, ecologistas, artistas dos mais variados gêneros e expressões e muitos outros profissionais e amadores de diversas estirpes e origens.

Em certas situações específicas, esse “estar na vanguarda” (quer dizer, com as “antenas” bem acesas na contemporaneidade) levou a “coincidências” das mais notáveis. Em 2011 seu tema – o Oriente, escolhido no ano anterior – ocorreu em meio às primaveras árabes. Em 2013, do que mais se falava era do escândalo da espionagem da NSA nos Estados Unidos. E, numa iniciativa inovadora em festa literária, a Fliporto fez com que um debate que aconteceria em Olinda começasse por Leeds, na Inglaterra. Explica-se: não tendo sido possível ao sociólogo mundialmente conhecido Zigmunt Bauman estar numa mesa em Olinda (pois já não faz viagens muito longas), ele, no entanto, aceitou participar da Fliporto. Sem sair de casa. Falando ao jornalista Silio Boccanera. A entrevista, exclusiva e inédita, foi transmitida na Fliporto, na tenda do congresso literário, em Olinda. Esmiuçou os grandes temas da atualidade, como as manifestações de protestos em vários países do mundo, o consumismo, o escândalo da espionagem norte-americana, as crises econômicas e políticas de hoje. Mas não ficou na simples exibição da conversa esse painel ao mesmo tempo eletrônico e presencial: Sergio Besserman Vianna fez o contraponto àquelas ideias, comentando-as e ampliando-as, numa entrevista “ao vivo”, no palco do congresso literário.

Com uma estrutura descentralizada, mas com núcleo e eixos sólidos, a partir do congresso literário, a Fliporto vem realizando, a cada ano, uma programação tão variada e rica quanto o público que atrai. Tão grande e crescente a audiência que costuma lotar a praça do Carmo e os arredores onde se faz a Festa que, à parte as óbvias diferenças de gênero, número e grau, pode ser considerada um novo carnaval, um carnaval das letras.

A reconstrução de um espaço, ou mesmo a construção de um espaço ou de um novo sentido para um espaço, no caso as praças e ruas de Olinda, no registro urbano de Olinda, ou, antes, a paisagem, os largos e um hotel em Porto de Galinhas, faz da Fliporto o ponto singular e especial desses lugares. De integração.



Letreiro da Fliporto, em frente à Igreja do Carmo, em Olinda.

O EXERCÍCIO DO DINAMISMO E A DISPOSIÇÃO por oferecer o máximo possível ao público levaram a Fliporto a ter vários “braços”. A utilização do termo “braços” já denota o quanto entende-se a Festa como um organismo vivo, com seus diversos “órgãos” vibrando em sintonia. Em 2013 foram, além do congresso literário: Fliporto Criança, Fliporto Nova Geração, *E-Porto Party*, EcoFliporto, CineFliporto, Fliporto Gastronomia, Fliporto Cordel. Feira de livro. Tão variada oferta certamente contribuiu para que, completando quase a metade do seu tempo de existência em Olinda, a Fliporto não estava somente integrada à paisagem da cidade, mas organicamente inserida nela. O público, que desde 2010, multiplicou-se em dezena de vezes o que antes havia em Porto de Galinhas, chegou a ultrapassar cem mil visitantes em 2013.

Em 2013, a Fliporto fez um giro na sua inflexão temática. Ao invés de fixar-se de novo em culturas, povos, etnias e geografias, optou por algo mais entranhado no ofício do escritor: o lúdico. “A literatura é um jogo” foi o tema geral da festa. O autor homenageado – José Lins do Rego – tinha inclusive uma ligação muito direta com o desporto, pela profusão de crônicas esportivas que publicou e o interesse apaixonado pelo futebol. Como mais uma iniciativa no trabalho que vem sendo feito ao longo dos anos com as escolas, foi promovida uma grande gincana – um exercício evidentemente lúdico – em torno da vida e obra do homenageado.

No congresso literário, a programação manteve a qualidade e grande afluência de público. A conferência de abertura, a cargo da tradutora espanhola Pilar del Río, contagiou a plateia. A companheira do escritor José Saramago falou sobre o tema “Escrever não me dá prazer; ter escrito, sim”:

“Dizia José Saramago que ele não tinha imaginação, simplesmente se limitava a levantar pedras e contar o que as pedras escondem, como, por exemplo, a história da mão que a pôs ali, junto ao caminho, ou ao encontro amoroso de que a pedra foi testemunha, a batalha por marcar um limite entre terra e terra, ou inclusive aquele que a própria pedra encerra, talvez um Davi à espera de Miguel Ângelo, talvez a lâmina de uma acha para matar outra pessoa, que sempre será um semelhante, para não dizer-se um irmão. Cada pedra, ou até as pedras, poderíamos dizer, contam uma história que se vê se alguém tem olhos para ver. Ou, como um dia escreveu José Saramago, se não somos cegos que vendo não vemos. Levantar uma pedra e contar a vida foi o que fez José Saramago: por não ter imaginação... podemos dizer que tinha, na verdade, muitíssima...

“Deixou dito também o homem que hoje nos congrega neste espaço do festival, que ‘escrevia para entender o outro lado das coisas’. Sua aprendizagem humana e literária começou quando era um menino solitário e melancólico, e que gostava de música e teve o privilégio de assistir a grandes concertos. Como é um relato delicioso, que está escrito, o melhor será ouvi-lo nas suas próprias palavras. O que vou ler é definitivo para entender a maneira de José Saramago:

“Naquele tempo eu ia à ópera sem pagar. Um porteiro simpático do Teatro Nacional de São Carlos, bom amigo de meu pai, fazia-me sinal para entrar quando faltavam apenas dois ou três minutos para começar a função e os espectadores pagantes já tinham ocupado os seus lugares. Excitado, nervoso, subia rapidamente as íngremes escadas que levavam ao último andar, aonde chegava com o coração a saltar-me da boca. (A porta que o benévolo guardião fiscalizava não dava acesso à plateia nem aos camarotes, era só para espectadores pouco abonados, os que tinham de contentar-se com as torrinhas, que assim se chama aos camarotes de última ordem, e com o galinheiro, cujo nome já está a dizer tudo.) Como eu era um dos que não deixavam sequer um centavo na bilheteira, o meu lugar tinha de ser o galinheiro, se é que, chegando no último segundo, ainda lá encontrava um sítio para me sentar... Por diabólico castigo, excetuando os pouquíssimos espectadores que se apertavam na primeira fila, ninguém conseguia ver



O escritor português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura:
"Escrever não me dá prazer; ter escrito, sim".



A jornalista e tradutora espanhola Pilar del Río na conferência de abertura da Fliporto 2013.

dali o palco por inteiro. A culpa tinha-a o enorme camarote real (presidencial depois da República) que, começando à altura dos camarotes de primeira ordem, trepava pelo teatro acima, quase alcançando o teto, onde, praticamente, pairávamos. Quando os cantores, cumprindo as marcações de cena, se deslocavam para o lado escondido, era como se tivessem passado para a outra face da lua. Ouvíamos-lhes as vozes (os entendidos afirmavam que a melhor acústica do São Carlos era a do galinheiro...), mas tínhamos de esperar pacientemente que a continuação do enredo trouxesse outra vez os artistas à nesga de palco visível de onde estávamos. Encimando o camarote presidencial e dificultando ainda mais a visão, havia (e lá continua) uma grande e sumptuosa coroa real, de talha dourada, símbolo que sobrou das monarquias passadas, agora reduzida a mero adorno figurativo.

“Com propriedade e com rigor, porém, o que víamos não era a coroa na sua plenitude aparente, a que oferecia a sua magnificência e o seu esplendor aos espectadores privilegiados dos camarotes e da plateia. Nós, os do galinheiro, tínhamos de contentar-nos com o reverso dela, a parte de trás, o outro lado, numa palavra,

a ausência. Sim, a ausência. Ou porque tinham querido poupar algum dinheiro em madeira e em folha de ouro, ou porque acharam que as pessoas que viriam a sentar-se ali não eram merecedoras de mais consideração, a coroa do Teatro Nacional de São Carlos não é uma coroa completa, é três quartos de coroa, ou ainda menos. Lá dentro, amparando a real estrutura, viam-se naquele tempo uns sarrafos mal aplainados, fixados com pregos torcidos, muito pó, teias de aranha, alguma vingativa e republicana ponta de cigarro... Como se alguém, nesses distantes e ingênuos dias, tivesse acendido a luz que haveria de iluminar-me a existência, compreendi que o ponto de vista do galinheiro é indispensável se realmente quisermos conhecer a coroa.”

“Até aqui o relato de José Saramago. No Teatro São Carlos, de Lisboa, quando era menino, começou a ser escritor porque entendeu que não tinha que descrever o aparente, o óbvio, o que o poder estabelece como verdade absoluta, que escrever é ‘tratar de compreender’ uma realidade que se apresenta como dogmática e fugidia ao mesmo tempo, precisamente para não ser capturada. Se se presta atenção, com a lucidez que dá a liberdade e a valentia de aceitar surpresas, essa verdade, ou o dogma com o qual nos querem fazer servos em vez de seres, estão presos por umas frágeis tábuas cheias de poeira, teia de aranha e uma ou outra republicana ponta de cigarro. Escrever é desvelar e é levantar o mundo, não sustentar a ficção de que as coisas são somente de um certo modo. As coisas são de múltiplas maneiras e, como dizia José Saramago ‘tudo se pode contar de outra maneira’.”

“Afirmou nosso autor uma e milhares de vezes que escrevia para desassossegar. Não queria leitores conformados nem apáticos. Não queria opor-se a pessoas que questionam tudo porque estão dotadas de razão e são capazes de usá-la, ainda que temia, e temia muito, que os três fatores que definem este nosso tempo, a sociedade que formamos e os seres humanos que somos, são a indiferença, o medo e a resignação. Contra estas três realidades, indiferença, medo e resignação, se opunha como escritor e como cidadão, evitando sempre a tentação do panfleto.

“ ‘Ser escritor não é apenas escrever livros, é muito mais uma atitude perante a vida, uma exigência e uma intervenção’, ele disse.”



“A literatura é um jogo” – Fliporto de 2013 –
homenageou José Lins do Rego, escritor,
cronista esportivo e torcedor apaixonado.

NUM ANO EM QUE SE COMEMORAVA O CINQUENTENÁRIO da primeira edição do livro *O Jogo da Amarelinha*, de Julio Cortázar, e em que a Fliporto tinha como tema “A literatura é um jogo”, como não poderia haver um painel a respeito do grande escritor argentino? Para falar sobre ele, veio um especialista do Oriente, o seu tradutor Ioram Melcer. A publicação em Israel de sua tradução de *Rayuela* foi considerada um dos acontecimentos culturais mais importantes do ano de 2013. Não se fez uma mesa exclusivamente dedicada a Cortázar, e sim como um tabuleiro, com outras peças, e diversos jogadores. Assim é que se construiu um painel também em torno do jogo de xadrez, com o escritor alemão Robert Löhr, autor do romance *A máquina de xadrez*, e o espanhol Ignacio del Valle, cuja obra não só mantém um sentido do lúdico permanente, mas dedica-se também ao gênero que talvez seja o mais lúdico da prosa: o das histórias policiais. Assim, a Fliporto realizou um jogo de ideias numa mesa transcultural.

Diversos autores muito premiados estiveram na Fliporto em 2013, como Andrés Neuman, Andrea del Fuego, Ana Maria Machado, Ronaldo Correia de Brito, Francisco Azevedo, Francisco José Viegas, Marcelo Backes, e também nomes de primeira ordem na cultura brasileira, que nas crônicas que escrevem e nos livros que publicam vêm alcançando sucesso similar ao das áreas principais em que atuam: Maitê Proença e Juca Kfourir – que protagonizaram duas das mesas mais concorridas – são excelentes exemplos disso.

A respeito de José Lins do Rego, além de exposições e diversas atividades nos outros segmentos da Fliporto, como a Fliporto Criança e Nova Geração, houve duas mesas de debates sobre o escritor no congresso literário: uma a respeito de sua vida, com a participação de uma filha, uma neta e um bisneto



O sociólogo Zigmunt Bauman (à direita) conversa, no jardim de sua casa, em Leeds, Inglaterra, com o jornalista Silio Boccanera.



Como em outros anos, temas da atualidade foram abordados nas mesas do Congresso Literário. Além da conversa de Silio Boccanera com Zygmunt Bauman/Sergio Besserman Vianna, uma outra discutiu a guerra da Síria e o escândalo da espionagem norte-americana, a partir das revelações de Edward Snowden. Sobre este último tópico falou o ativista Fernando Báez, e da guerra tratou o jornalista Klester Cavalcanti que lá esteve e escreveu um livro narrando sua experiência completa, que incluiu até prisão e tortura.

Ana Maria Machado, mais conhecida como autora de livros dedicados ao público infantil, preferiu dar um depoimento sobre sua obra voltada para o público adulto, e de tal maneira que respondeu com um rotundo “não” à pergunta-tema do painel “Escrever é retornar à infância?”. A conversa foi com Ronaldo Correia de Brito, que como Ana Maria, tem leitores de todas as idades. Atuou como mediadora a jornalista Mona Dorf.

Também na Fliporto de 2013 houve uma apresentação musical no congresso literário. Tomando como ponto de partida o tema da festa, o jogo, e em sintonia com uma palestra do antropólogo e escritor espanhol José Antonio González Alcantud, os cantores Manuel Lorente e Rita Gullo brindaram a plateia com “Jogos poéticos e musicais”. O cinema também esteve presente no Congresso, com um debate entre os cineastas Sylvio Back e Miguel Gonçalves Mendes.

O encerramento desta vez foi feito por um dos escritores portugueses de maior repercussão internacional: Valter Hugo Mãe. Foi uma conversa emocionante a que teve com o também escritor Sidney Rocha.

Sendo um grande admirador de Ariano Suassuna, ao receber o convite para participar da Fliporto, Valter estabeleceu como condição para viajar até Pernambuco o ser apresentado pelos organizadores da festa ao autor do *Auto da Compadecida*. A história desse encontro Valter a contou numa crônica que publicou em Portugal, pouco tempo depois de haver estado na Fliporto:

“Pedi muito para que me levassem a cumprimentar Ariano Suassuna. Foi uma chatice grande que eu fizesse tal pedido. Ele está com 86 anos, teve um problema grave de saúde e não é bom que se canse. Insisti, mimado mas sem me impor. Pedi. Foi isso. Queria muito cumprimentar o grande mestre e algumas pessoas diziam entusiasticamente que sim. Diziam que ele era um homem de boa fé, profundamente amigo, haveria de me receber encantado. Foram essas pessoas que me deram a esperança.



O romancista e poeta Valter Hugo Mãe fez o encerramento da Fliporto em 2013.

“Depois, Ana Arraes falou com Ariano e anunciou a autorização. Vieram dizer-me como se me trouxessem morangos frescos e nos pudéssemos maravilhar.

“Fiz o percurso até à casa de praia da família Suassuna com cabeça de menino. Cantando. Alegre, sem vergonha e sem contenção. Queria cantar, mesmo rouco e quase sem voz, precisava de me mexer por nervos e ansiedade. Entretanto, magicava modos de arranjar uma desculpa para o meu pedido e cumprir a promessa de demorar cinco minutos, nunca mais do que isso. Entraria, estenderia um exemplar de *O Auto da Compadecida* para ele assinar, ele ia devolver-me com um sorriso e pé na estrada. Eu ia pedir desculpa. Era necessário tratar da culpa, para não me sentir um estorvo insuportável na vida de um homem tão adorado e celebrado.

“Quando chegámos, ao fim da manhã, já as temperaturas de Pernambuco acima dos 30 graus, o Ariano Suassuna estava no banho, preparando-se para nos ver, refrescando-se.

“Chegou à sala, onde o aguardávamos, com uma vontade genuína de nos ter ali. Foi o que me desmontou completamente. Imediatamente percebi que a regra dos cinco minutos era uma encomenda exterior ao seu coração. Ele tinha vontade de conversar. Disse que havíamos de demorar o tempo que quiséssemos.

“Falou um pouco de Portugal, da paixão por Portugal, e falámos de Saramago, de como lhe elogiou e reparou o discurso do Nobel. Depois, contou-me acerca do romance em cinco volumes que escreve desde 1980. O seu filho, Dantas, artista plástico, havia-me adiantado um pouco a existência dessa obra. Foi quando Ariano pediu que lhe trouxessem os volumes metidos em pastas vermelhas e nos leu as páginas de abertura feitas daquele luxo literário de que o seu talento é capaz.

“Pouca coisa deve elogiar mais um escritor visitante quanto escutar em viva voz trechos inéditos da obra do escritor visitado. Não se deve poder honrar e prestigiar mais uma visita do que fazendo isso, admitindo que aceda à obra no seu tempo de pura intimidade. É de uma candura magnífica e coloca-nos num patamar de dignidade superior. Como amigos. Quem assim recebe, recebe como amigo.



O dramaturgo, poeta e romancista Ariano Suassuna na aula-espetáculo que encerrou a Fliporto em 2012.

“O que se passa é que a escrita de Ariano Suassuna é discurso fundamental de um certo Brasil. Ela é uma forma dita do que o Brasil é. Cada coisa ali se contém e se explica. Do material e do imaterial, tudo se apresenta limpo e descomplicado para o espírito observador e instigador de Suassuna. O Brasil é um mistério que ele soube sempre revelar.

“Quando eu disse que ia ver Ariano ou que havia visto Ariano, as pessoas todas acusavam um ar de graça. Compreendi bem o que pensavam. Pensavam que ele é uma espécie de entidade espiritual daquele lugar, um ser levantado acima das demais almas, feito para abençoar os outros com visões privilegiadas dos segredos de existir. Isso é o que fazem os seus livros mas também a sua generosidade. As pessoas sentem-se honradas por se identificarem com ele, sentem-se honradas por serem representadas por ele. A grande literatura é isso, uma mescla de gente que faz com que a gente a mesclada se pertença, se queira pertencer.

“Na dedicatória que me fez agradeceu a visita. Estivemos ali uma hora, eu já preocupado com as promessas que fizera, ele adorando conversar e ler, e confessando que o primeiro dos cinco volumes inéditos deve sair em Março. Eu a incentivá-lo. A achar que precisava de o incentivar a rever e terminar aquela magna obra que, sem dúvida pelo que o ouvi ler, virá como luz intensa às letras brasileiras. E ele muito calmo. Todo cheio de paciência. Urgente apenas em estar num certo sossego.

“Foi quando me contou.

“O Ariano Suassuna mandou recado à morte. Pediu aos médicos que cuidaram dele para que informassem a caetana de que ele não pretendia morrer. Contou a história e repetiu, olhando bem para mim: eu não pretendo morrer. Sorriu.

“O Ariano Suassuna tem compromisso ainda longo com a literatura e não pretende faltar. Nunca faltaria a um livro.

“Falou-me acerca da tapeçaria que estava na parede, criada a partir de uma obra plástica da sua autoria. A morte, ou a caetana, como por ali também se diz, é assunto velho na sua cabeça. Eu creio que ele ombreou com ela pela inteligência e ela vai ter de entender. A literatura está sempre à míngua de uma palavra nova



As mãos do escritor Ariano Suassuna com os apontamentos da “aula-espetáculo”.

de Ariano. A natureza tem mesmo de conspirar a favor dele. Que ele perdure e escreva é uma inteligência que a própria natureza revela por si mesma.

“Entrei no carro mudo. Chocado. Alguns homens fazem de todas as horas uma lição de vida. Quando eu for grande quero ser um senhor generoso que alivia a culpa dos outros e transformam os sonhos de toda a gente em bocados simples da vida. A simplicidade é a maneira mais bonita de se construir, porque ela é despojada sendo firme, convicta. Ao visitar Ariano Suassuna, sei bem, visitei humildemente a alma de um certo Brasil. Que falou comigo. Falou comigo, simplesmente.”

Esse encontro foi filmado pelo cineasta português Miguel Gonçalves Mendes, que esteve na Fliporto, onde exibiu e comentou José e Pilar. Parte do encontro de Valter com Ariano possivelmente estará no novo filme de Miguel, em preparação: *O sentido da vida*.

ENTREVISTA
Eduardo Côrtes



O engenheiro e escritor Eduardo Côrtes, fundador da Fliporto.

SONHO E REALIDADE

O ENGENHEIRO EDUARDO CÔRTEZ É CARIOCA, mas reside em Pernambuco há mais de trinta e dois anos. Em março de 2014, recebeu o título de cidadão pernambucano. Nesta entrevista, ele rememora as primeiras edições da Festa Literária Internacional de Pernambuco, iniciada em Porto de Galinhas, há dez anos, e diz o que a Fliporto significa na sua vida.

Em qual contexto nasceu a ideia de realizar a Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas?

A ideia de realizar uma festa literária em Porto de Galinhas surgiu após nossa ida a Paraty, onde pudemos presenciar uma das primeiras edições da Flip e também de nossa participação, como ouvinte, da festa literária do Recife (Festival Recifense de Literatura). Achamos que cabia em Porto de Galinhas algo similar e partimos para colocar a ideia em prática.

Sabe-se das dificuldades de realizar atividades culturais no Brasil, e no caso da literatura, que não tem os apelos mais fáceis de gêneros como a música, o teatro e o cinema, deduz-se que os primeiros passos tenham sido especialmente espinhosos. Como foi então sair da ideia à prática?

Partimos para a prática fazendo uma parceria da Editora Personna, da qual respondia por uma diretoria, com a Cia do Lazer, de Pedro Ivo e Rose, com sede no balneário. Conseguimos um apoio financeiro da Fundarpe, por interveniência do então senador José Jorge (atual ministro do TCU), veranista de Porto de Galinhas, e da Infraero, através de seu então presidente Carlos Wilson, já falecido, à época também veranista de Porto de Galinhas.

Onde e de que maneira transcorreram as duas primeiras Fliportos?

As duas primeiras Fliporto aconteceram no Espaço Muru-Muru, na Praça das Piscinas Naturais, Porto de Galinhas. Lá se realizaram as principais palestras. O encerramento da Fliporto 2006 aconteceu no Hotel Armação, com Ariano Suassuna lotando o auditório de 500 lugares.

“Um engenheiro sonha coisas claras”, escreveu João Cabral de Melo Neto. A Fliporto parecia um sonho claro e plausível ao engenheiro Côrtes, mesmo sabendo que a captação de recursos para a cultura no Nordeste é dos empreendimentos mais desafiadores?

Realmente a Fliporto foi um sonho de seus primeiros realizadores, que se tornou realidade pelo esforço dos participantes e a partir de 2008 com o envolvimento de Antônio Campos, que deu um reforço muito importante ao evento.

O que representa a Fliporto na vida do editor e escritor Eduardo Côrtes?

A Fliporto me deu uma outra dimensão no cenário cultural de Pernambuco chegando a ser a grande responsável (juntamente com minha participação no Metrô do Recife) por minha indicação como Cidadão de Pernambuco, título honroso que recebi da Assembleia Legislativa do Estado.

Depois de cinco edições em Porto de Galinhas, a Fliporto se mudou para Olinda. No plano executivo, o que se alterou?

Houve uma mudança significativa no plano executivo após a mudança, em função da dimensão que a festa tomou pelo aumento de público. A Fliporto 2009, em Porto de Galinhas, teve um público de 15 mil pessoas, que em 2010 passou para 60 mil, esta em Olinda. Este aumento transformou a festa num mega evento e multiplicou as responsabilidades em sua execução, que ficou muito mais complexa.



Há números que deem a dimensão correta da Fliporto no conjunto das grandes atrações de Pernambuco? E quanto aos festivais parecidos, a Fliporto ocupa qual lugar no ranking? Do ponto de vista da gestão executiva, acha que tem sido ao longo desses anos bom o retorno social da Fliporto?

Atualmente, a Fliporto é considerada um dos mais importantes eventos do calendário de Pernambuco, juntamente com o Carnaval, São João, Mimo, Paixão de Cristo de Nova Jerusalém, Missa do Vaqueiro, Réveillon, entre outras.

Em relação a eventos similares, a Fliporto ocupa o primeiro lugar em público e é considerada uma das quatro festas mais importantes, com Paraty (RJ), Ouro Preto (MG) e Passo Fundo (RS).

O retorno social das Fliporto pode ser medido pelo público perto de 100 mil pessoas que se interessam ou passam a se interessar pela leitura e pela literatura.

FOTOS

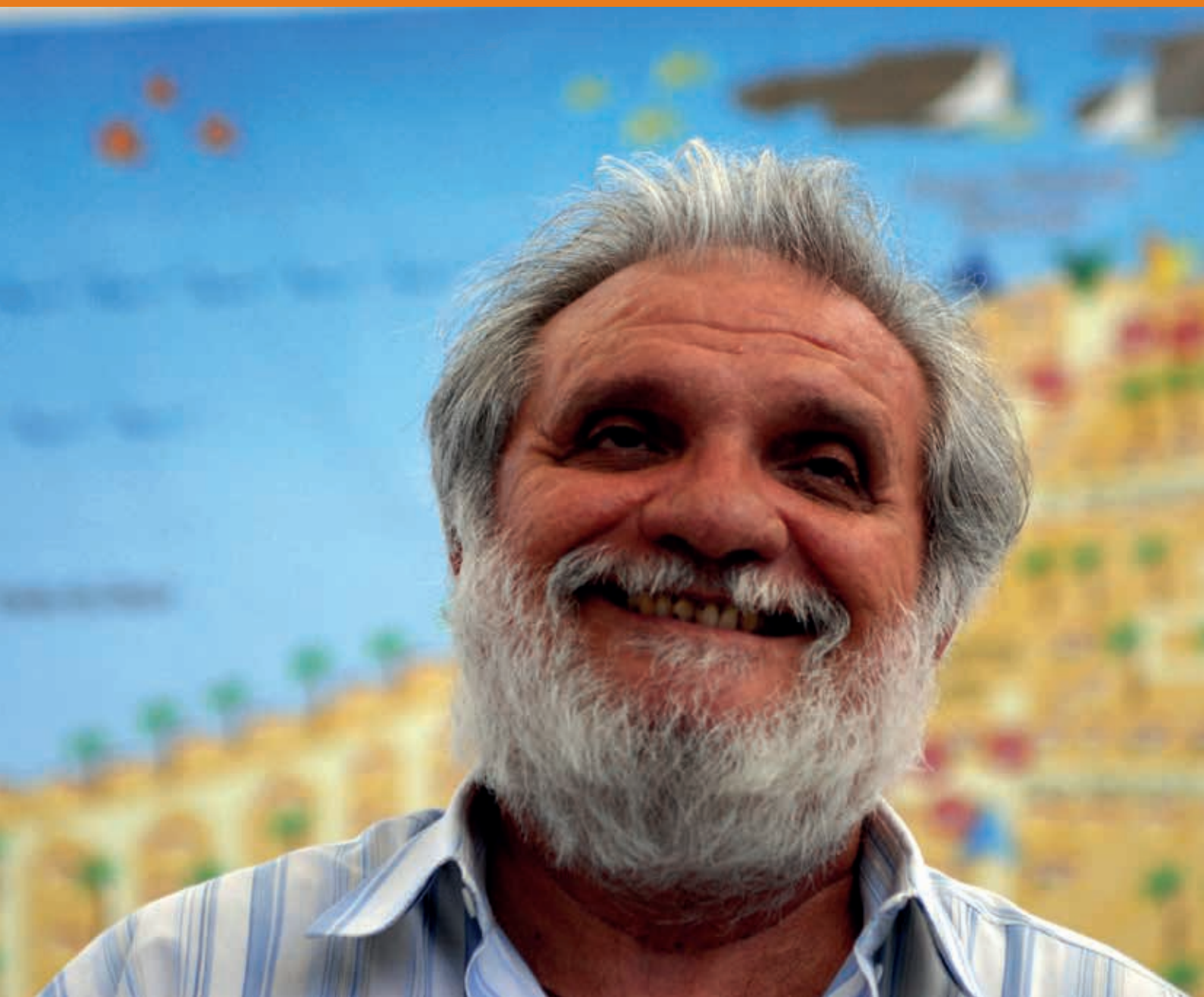


O jornalista Zuenir Ventura, na Fliporto de 2007.





Nélida Piñon, autora de *O presumível coração da América*, durante sua apresentação, na Fliporto 2007.



Raimundo Carrero participou de quase todas as edições da Fliporto, com palestras e oficinas, e recebendo homenagens.



O poeta e ensaísta Affonso Romano de Sant'Anna e o poeta, editor e jornalista norte-americano Quincy Troupe, na Fliporto de 2008.







Autor de livros como *Morreste-me*, *Cal* e *Gaveta de Papéis*, o narrador e poeta português José Luís Peixoto foi um dos destaques da Fliporto 2009.



Na Fliporto da "diáspora africana", o pintor e escritor José Cláudio, autor de um relato de viagens ao Benin, em sessão de autógrafos.



Um dos mais consagrados e emblemáticos autores angolanos da atualidade, Pepetela, em Porto de Galinhas, 2008, como convidado da Fliporto.



Detalhe de apresentação de maracatu – ritmo musical afro-brasileiro.





O romancista espanhol Ignacio Martínez de Pisón na Fliporto 2009.



O poeta Ângelo Monteiro na Fliporto de 2008.



A romancista e professora Luzilá Gonçalves Ferreira participou de mais de uma Fliporto. Na foto, em Porto de Galinhas, em 2008. Nesse mesmo ano também esteve na Festa o poeta José Mário Rodrigues (na foto abaixo).

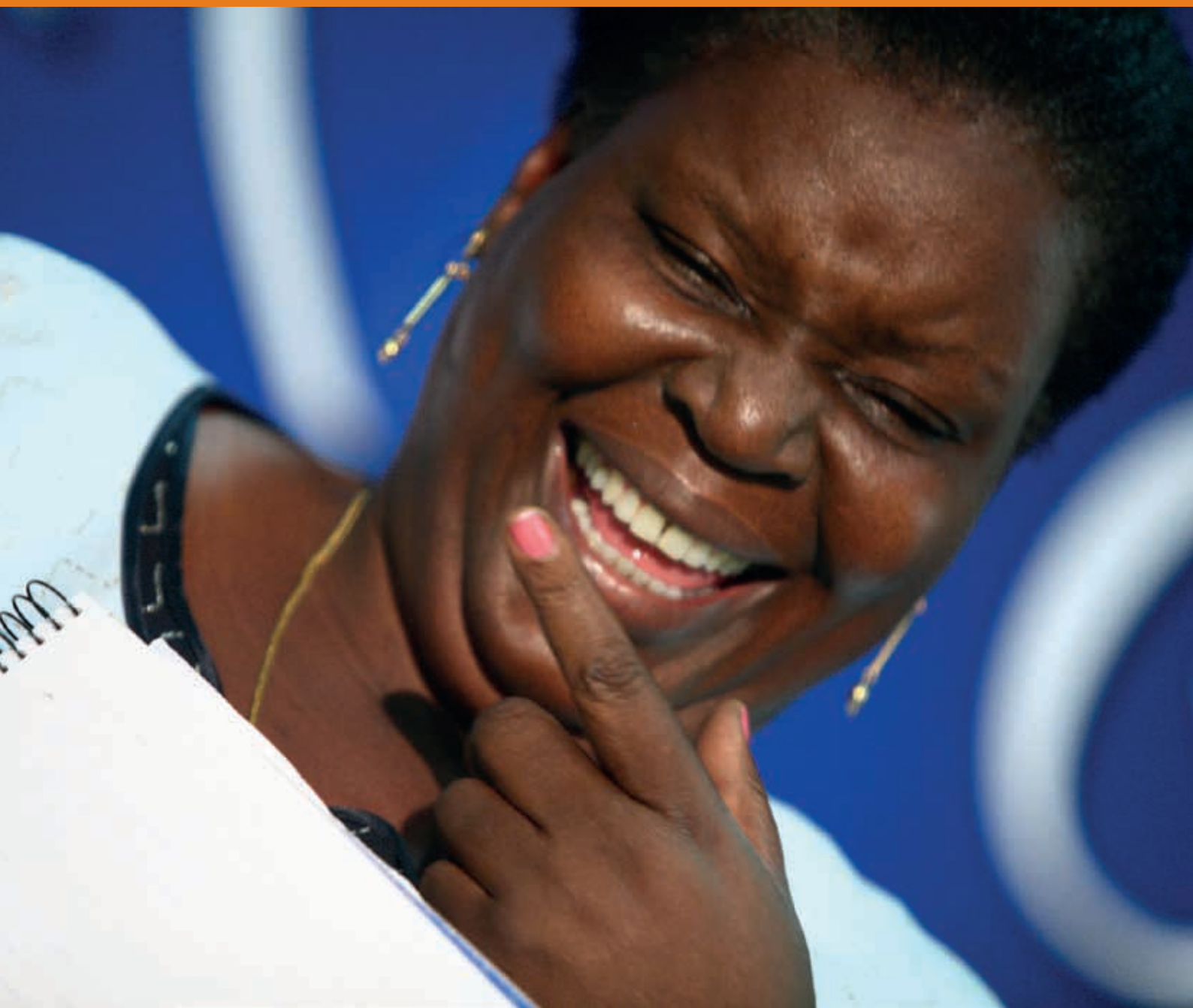




O ativista e escritor MV Bill, na Fliporto 2008.



Porto de Galinhas



O alegre canto da perdiz e *O sétimo juramento* são alguns das obras da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Na foto, 2008, Fliporto, em Porto de Galinhas.



João Paulo Cuenca, autor de *O dia Mastroianni*, participou da Fliporto 2008, juntamente com Luís Carlos Patraquim (foto abaixo), poeta, autor teatral e jornalista moçambicano.





Na Casa Latino-América, em Porto de Galinhas: Beto Kelner, Elke Maravilha, Monica Silveira e Glória Maria. Na foto abaixo, Antônio Campos, Gabriel o pensador e Zeca Camargo.





O humorista Helio de la Peña e a modelo Luíza Brunet.



Os cantores-compositores Lirinha (e) com Silvério Pessoa.



A Fundação Palmares realizou na Fliporto 2008 exposição sobre a África, com grande público. O estande da Fundação também foi um dos mais visitados no evento.



COLONIZ
E ENGENH

4

Quem diz açúcar, diz Brasil.
PADRE ANTONIO VIEIRA (1608-1697)

Senhor de engenho é título
e muitos aspiram, porque
consigo o ser servido,
recido e respeitado.

FLI PORTO

PORTO DE GALINHAS
Retrato de Pernambuco

This panel is divided into several sections. At the top, it has the text 'COLONIZ E ENGENH' and a large number '4'. Below this is a historical painting of a sugar plantation. To the left is a large, ornate image of a church facade. In the center, there is a text box with the quote 'Quem diz açúcar, diz Brasil. PADRE ANTONIO VIEIRA (1608-1697)'. Below the quote is an illustration of a man in colonial attire holding a staff, standing next to a winged figure. At the bottom left, there is an illustration of two men carrying a large bundle on a pole. At the bottom right, there is a small table with numbers.

1	2	3
4	5	6
7	8	9
10	11	12

PORTO DE GALINHAS
Retrato de Pernambuco

Africa:
ROTAS E TIPOS RACIAIS DE ESCRAVOS

5

Conheça bem a África,
para entender o Brasil.

FLI PORTO

This panel features a large portrait of a Black man at the top. Below the portrait is a vertical text box with the title 'Africa: ROTAS E TIPOS RACIAIS DE ESCRAVOS'. To the right of the portrait is a small image of a group of people. Below the portrait is a large image of a ship. At the bottom, there is a text box with the title 'Conheça bem a África, para entender o Brasil.' and an illustration of a group of people. The panel is numbered '5' in the center.

A gente
também acha
que é um
to um

Retrato de Pernambuco



EMQS
 CAPIM-SANTO • CUPIM • CUCOS •
 CAPIM-SANTO • CUPIM • CUCOS •
 FINA COLADA • CUPIM • CUCOS •
 • CUBA LIVRE • CUPIM • CUCOS •
 • AGUA M. CH. • CUPIM • CUCOS •



MAIO COCO
CEIADO

PORTO DE GALINHAS
SURURU
COTIA GAMBÁ

BANGGUA

CATTLE
CARBON
QUEBÉ OUTLAND

MACAMBIRA
CABLOCO JABUTI

MUNGUNZA ZUMBI
V. ANCHO

CACULA
XANGÔ, MANDINGA
XANGÔ, MANDINGA

SAVINGS

EXÚ CAPIM! TABOCA

CAFUNE
LAUTUTE NAGÓ

ZUMBI

QUINDIM NAGÔ

2002

Em outubro
em Yaguajay
dancer
tocar e
Os bra
entusi
uma b
Com t
igual





O romancista e roteirista espanhol Jorge Díaz, na Fliporto 2009.



No mesmo ano, a escritora portuguesa Inês Pedrosa esteve num dos painéis mais concorridos no auditório do Hotel Armação, onde foi realizado o congresso literário, em Porto de Galinhas.



O escritor israelense Yaron Avidov, Fliporto, 2009.



A última Fliporto realizada em Porto de Galinhas aconteceu de 5 a 8 de novembro, e teve entre os nomes de destaque o narrador e tradutor Eric Nepomuceno.



FLIPORTO

V FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL
DE PORTO DE GALINHAS

De 5 a 8 de Novembro

www.fliporto.net





Na homenagem ao poeta João Cabral de Melo Neto, em 2009, Antonio Carlos Secchin fez a principal conferência.



Parceiros de longas datas, Antônio José Madureira (ao violão) em recital com o escritor Ronaldo Correia de Brito, em 2009.

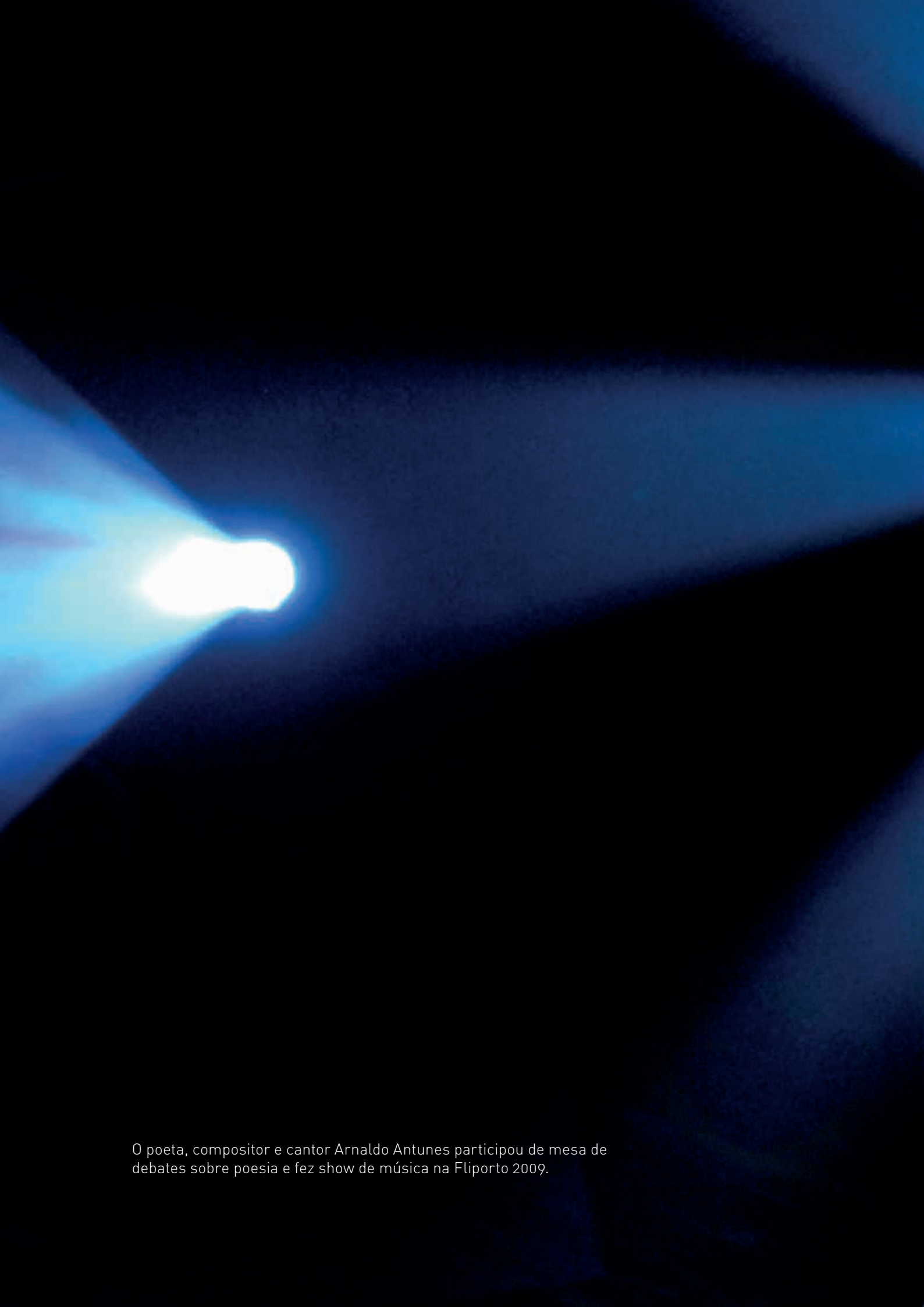


Os escritores e amigos Eduardo Galeano e Ariano Suassuna (d),
em Porto de Galinhas, em 2009.



O escritor chileno Antonio Skármeta na conferência de encerramento da Fliporto 2009.



An abstract background featuring a dark blue field with a bright, glowing white and light blue geometric shape on the left side, resembling a stylized 'X' or a corner of a cube. The shape has a soft, ethereal glow that fades into the surrounding dark blue.

O poeta, compositor e cantor Arnaldo Antunes participou de mesa de debates sobre poesia e fez show de música na Fliporto 2009.





Vista externa do espaço literário, em Olinda.





O historiador Ronaldo Vainfas em debate, na Fliporto 2010, sobre a Jerusalém Colonial.



O romancista, contista e tradutor israelense Ioram Melcer.



A atriz Cassia Kiss Magro, que veio a Olinda falar sobre Clarice Lispector na Fliporto, em 2010.



João Tordo,
premiado autor português,
na Fliporto de 2010.



Nádia Battella Gotlib, em Olinda, 2010. Biógrafa de Clarice Lispector, ela atuou em debate sobre as vidas que se contam, na Fliporto.



Filósofo e sinólogo francês, François Jullien foi um dos grandes nomes presentes na Fliporto de 2010.



A partir da esquerda: Os escritores Moacyr Scliar e Eva Schloss e o jornalista Geneton Moraes Neto.



Ricardo Piglia, na Fliporto de 2010. Ele falou sobre o escritor como crítico.





Marcia Tiburi, autora de livros como *As mulheres e a filosofia*, na Fliporto de 2010.



A apresentadora e escritora Maria Paula.



Edwin Williamson, autor da biografia mais completa de Jorge Luis Borges, e Mamede Mustafa Jarouche, tradutor de *As mil e uma noites* (à direita).



Milton Hatoum, na Fliporto 2010, no painel
"Faces da poesia, literatura e identidade árabes na atualidade".



Silvio Meira, na Fliporto Digital, em 2010.



Mark Dery, em 2010, falando sobre escrita e insurgência.



Plateia Fliporto, peça *Simplemente eu*, Clarice Lispector.



Da esquerda para a direita: Eduardo Côrtes, Antônio Campos e Renildo Calheiros (prefeito de Olinda), no lançamento da Fliporto 2011.





Deepak Chopra, na conferência de abertura da Fliporto 2011.



Frei Betto, que autografou na Fliporto 2011
o seu romance histórico *Minas do Ouro*.

VII FESTA LITERÁ INTERNACIONAL PERNAMB



A partir da esquerda, o editor e poeta Raimundo Gadelha, o jornalista Marcelo Pereira e as poetisas Alice Ruiz e Sonia Salles, em painel na Fliporto 2011 sobre as influências do Japão e da China na poesia brasileira.

RIA
L DE
UCO

Flippon

Uma viagem
ao 007



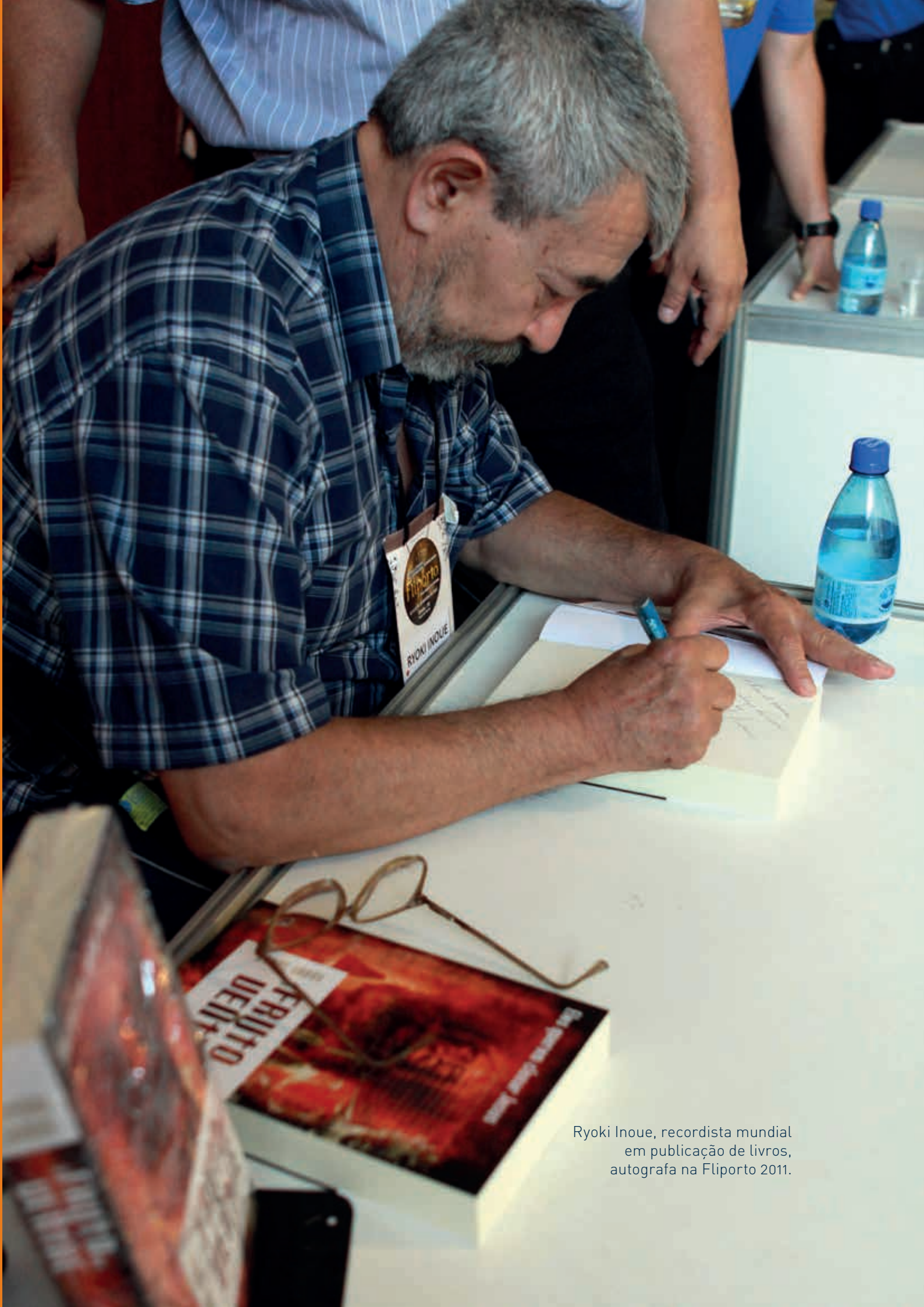




Os jornalistas Fernando Morais (à esquerda) e
Leandro Narloch protagonizaram um
dos debates mais acirrados da Fliporto.



Gilberto Freyre Neto fala na Casa do UBE no painel A importância de Gilberto Freyre para o entendimento do MEIO RURAL Brasileiro



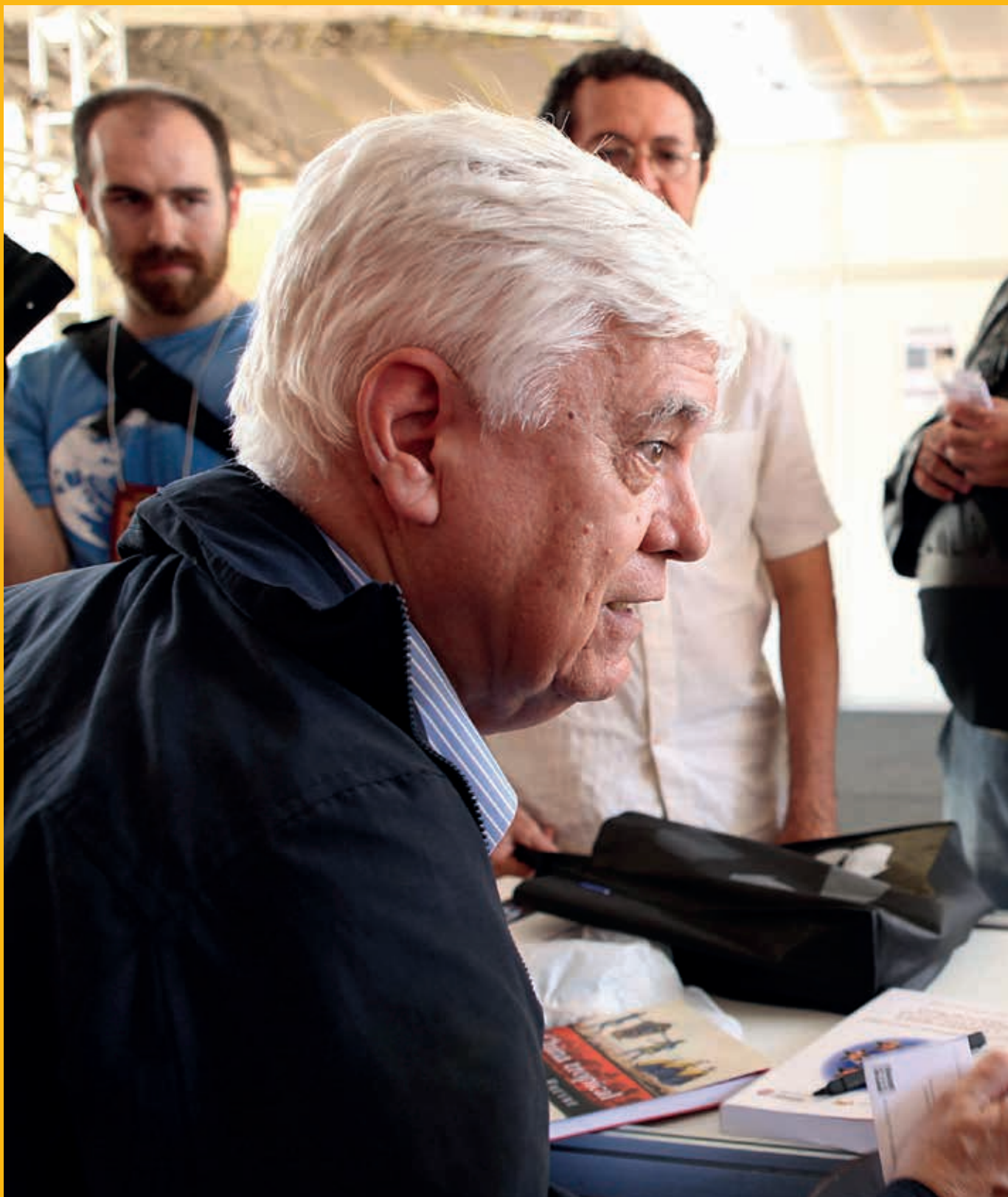
Ryoki Inoue, recordista mundial
em publicação de livros,
autografa na Fliporto 2011.



O escritor paquistanês Tariq Ali, na Fliporto 2011, fala sobre a guerra ao terror.



Autor de *Uma viagem à Índia*, o português Gonçalo M. Tavares foi um dos destaques da edição "Uma viagem ao Oriente", da Fliporto 2011.



O cientista político Vamireh Chacon (à esquerda) em sessão de autógrafos com o antropólogo Angel Espina Barrio, na Fliporto 2011.



VII FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PERNAMBUCO



A cineasta Tizuka Yamazaki participou, em 2011, do painel
"Como o cinema e a TV reescrevem a literatura", no congresso literário.

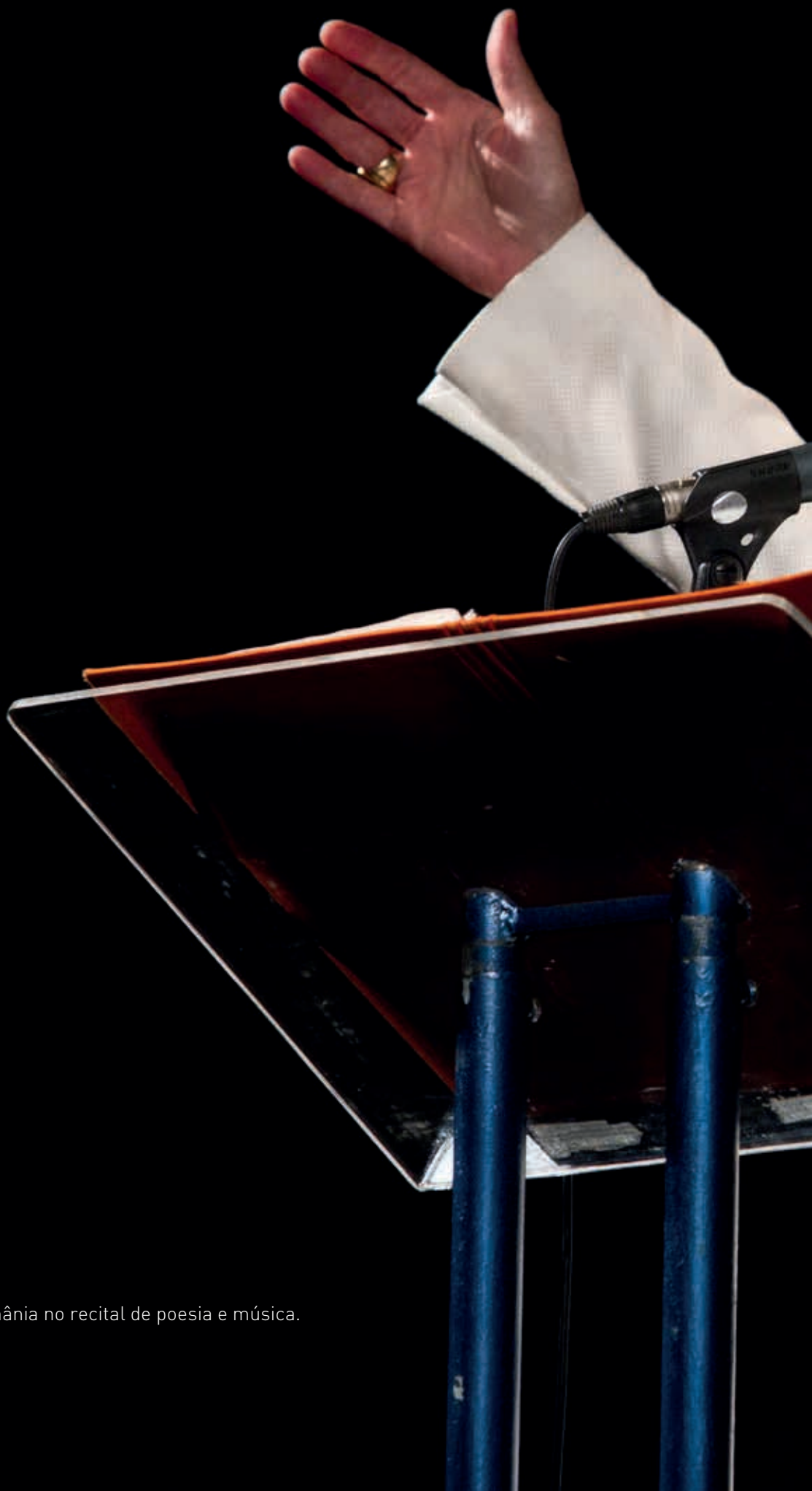


O cineasta Nelson Pereira dos Santos no CineFliporto (2011),
na exibição do documentário *Casa-grande & Senzala*.



Aspecto de desfile Pitombeira dos Quatro Cantos.





A cantora Maria Bethânia no recital de poesia e música.





Pés de Maria Bethânia, abertura da Fliporto 2012.





Na Fliporto que homenageou Nelson Rodrigues (2012), o seu biógrafo Ruy Castro foi um dos grandes destaques.



Barry Miles (à direita) falou a Carlos Figueiredo, em 2012, sobre as biografias que escreveu, como a de Jack Kerouac.



A atriz Christiane Torloni, na Fliporto 2012, lê a peça de teatro inédita *Boa noite a todos*, de Edney Silvestre.



A atriz Lucélia Santos, na Fliporto 2012,
em homenagem a Nelson Rodrigues.



Edney Silvestre (à direita)
conversa com o jornalista
Claudiney Ferreira sobre
"Romance e Drama".





O escritor João Almino, em sessão de autógrafos, 2012.



Os espanhóis Manuel Lorente e Ricardo Miño (2012), em apresentação de flamenco e poesia.



O poeta Antônio Cícero (esquerda) e o romancista e jornalista José Castello, em 2012, na praça do Carmo, em Olinda.



O historiador Robert Darnton em sessão de autógrafos na Fliporto 2012. O escritor Cory Doctorow que, em 2012, debateu no painel “Informação e autopublicação: do bib-bang ao boing-boing”.

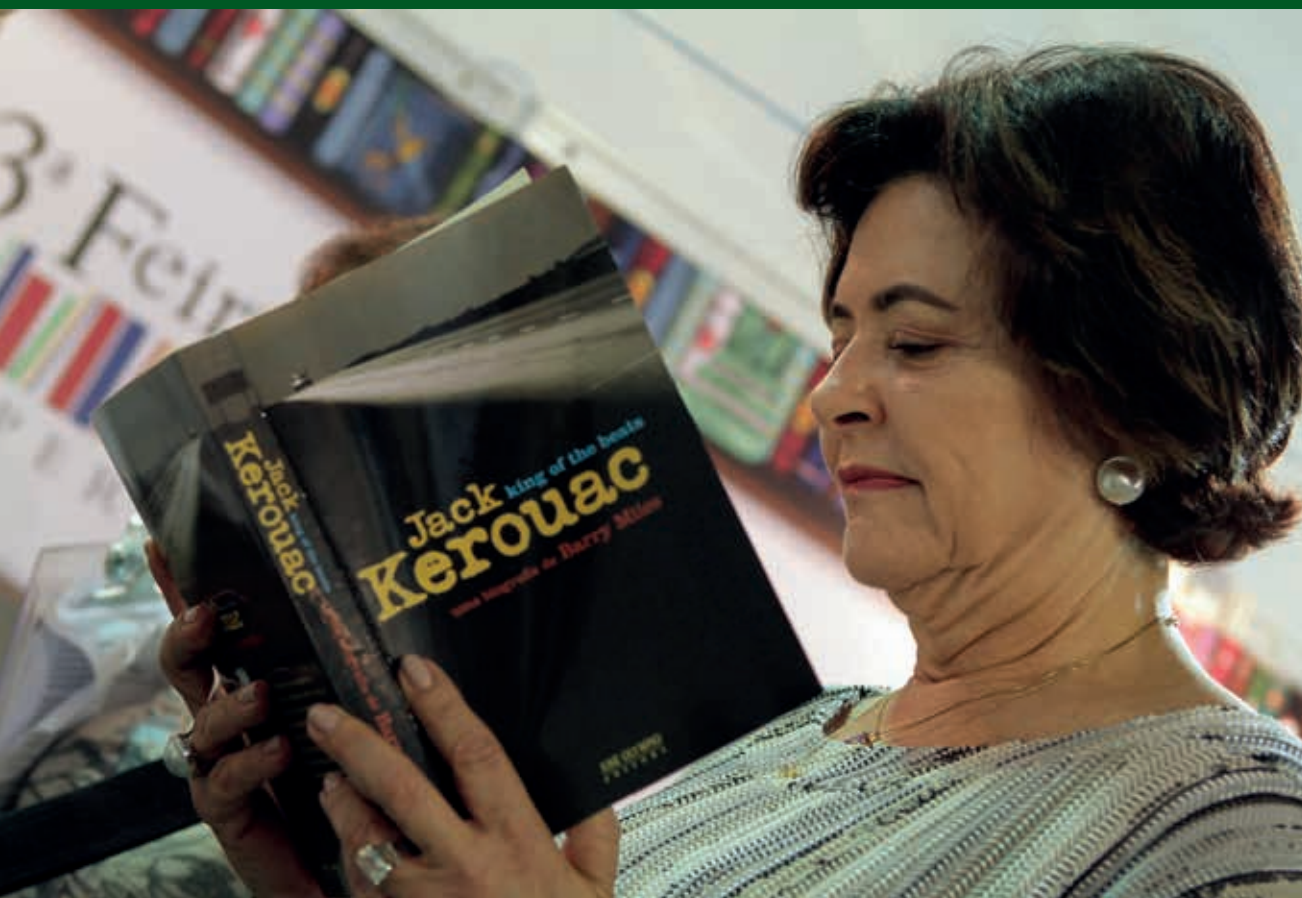


A escritora Paula Pimenta, em 2012, na Fliporto Nova Geração.



Praça do Carmo, Sítio de Seu Reis.





Ana Arraes lê biografia de Jack Kerouac escrita por Barry Miles.



O escritor Jomard Muniz de Britto entrega texto a Geraldo Júlio, prefeito do Recife.



Flagrante de público na Feira do Livro, na Fliporto 2012.



Eco Fliporto.



O jornalista Francisco Saboya faz conferência na *E-Porto Party*.



Literatrupe, um grupo de teatro e declamações de poesia, presente sempre na história da Fliporto.



Leitores, em 2012, na Fliporto Criança.





Cena da aula-espetáculo de Ariano Suassuna, que marcou, em 2012, o encerramento da festa, com grande estilo.

Ministério da Cultura apresenta:

Fliporto 2013

IX Festa Literária Internacional de Pernambuco



Rui Couceiro apresenta a jornalista e tradutora Pilar del Río,
na conferência de abertura da Fliporto 2013.

A
L I T E R A T U R A
É U M J O G O

Homenageado: José Lins do Rego





O jornalista Laurentino Gomes autografa 1889, em 2013.



O romancista espanhol Ignacio del Valle (2013).



O escritor e editor português Francisco José Viegas (2013).



O cineasta português Miguel Gonçalves Mendes exibiu e comentou na Fliporto 2013 o filme José e Pilar.



Andrea del Fuego, Andrés Neuman e Luiz Ruffato, na fliporto 2013.



Mia Couto



Na Fliporto 2013, a escritora Ana Maria Machado falou dos seus romances, como *Infância*, de que lê um trecho. Na foto, com os seus leitores mirins.



Ronaldo Correia de Brito



O jornalista Juca Kfoury em disputa de jogo-de-botão, na Fliporto Criança (2013).

A atriz e escritora Maitê Proença,
em 2013, no congresso literário.





Fãs da apresentadora Mel Fronckowiak em fila de autógrafos na Fliporto Nova Geração, 2013.



Feira do Livro em homenagem ao escritor Edson Nery da Fonseca.



Antônio Campos cumprimenta o escritor Edson Nery da Fonseca.







Fliporto Criança



Fliporto Criança



Fliporto Cordel.



Equipe Fliporto 2013.



CRÉDITOS DOS FOTÓGRAFOS

Angela Tribuzi [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Beto Figueiroa [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Carlos Ferreira [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Exclusiva BR [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Fernanda Acioly [p. xx, xx, xxx]

Gleyson Ramos [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Jan Ribeiro [p. xx, xx, xxx, xxx]

Leandro Lima [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Lila Rodrigues [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Rafael Medeiros [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Tiago Calazans [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]

Tom Cabral [p. xx, xx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx, xxx]